

CLIPPING DE MÍDIA
MEMÓRIAS DA CHUVA

DE WOLNEY OLIVEIRA

2023

51º Festival de Cinema de Gramado seleciona filmes cearenses

Tradicional evento de cinema brasileiro, 51º Festival de Gramado terá um longa e um curta do Ceará a seleção de 2023; confira detalhes

17:45 | Jul. 04, 2023 Autor **João Gabriel Tréz** Tipo **Notícia**



Longa cearense "Mais Pesado É o Céu" é um dos selecionados do Estado para o 51º Festival de Gramado Crédito: divulgação

Dois longas cearenses estão entre os selecionados para a **51ª edição do Festival de Gramado**, tradicional evento de audiovisual brasileiro. "Mais Pesado É o Céu", dirigido por Petrus Cariry, e "Memórias da Chuva", de Wolney Oliveira, irão compor as mostras de longas e documentários brasileiros, respectivamente.

"**Mais Pesado É o Céu**" mostra a conexão entre Teresa, que acolhe uma criança abandonada, e Antônio em meio a uma jornada pelas estradas. O roteiro é de Petrus Cariry, Firmino Holanda e Rosenberg Cariry. No elenco, nomes como: [Matheus Nachtergaele](#), Ana Luiza Rios e Sílvia Buarque.

Já "**Memórias da Chuva**" conta a história dos habitantes de Jaguaribara, cidade do interior cearense, que tiveram que abandonar o local para a construção do açude do Castanhão.

Do total de mais de mil inscritos, foram selecionados seis longas de ficção brasileiros, seis documentários, cinco longas gaúchos e 23 curtas gaúchos. O evento também divulgou que terá abertura especial com exibição do documentário "**Retratos Fantomas**", de [Kleber Mendonça Filho](#).

Nas entregas de **troféus especiais**, a atriz Alice Braga será homenageada com o Kikito de Cristal, comenda que celebra destaques do cinema latino-americano. Já as atrizes Laura Cardoso e Léa Garcia irão receber o Troféu Oscarito, para grandes nomes do cinema nacional.

Confira destaques do Festival de Cinema de Gramado

LONGAS BRASILEIROS

- "Angela", de Hugo Prata (SP)
- "O Barulho da Noite", de Eva Pereira (TO)
- "Uma Família Feliz", de José Eduardo Belmonte (PR)
- "Mais Pesado é o Céu", de Petrus Cariry (CE)
- "Mussum, o Filmis", de Silvio Guindane (RJ)
- "Tia Virgínia", de Fabio Meira (RJ)

DOCUMENTÁRIOS BRASILEIROS

- "Anhagabaú", de Lufe Bollini (SP)
- "Roberto Farias - Memórias de um cineasta", de Marise Farias (RJ)
- "Luis Fernando Verissimo - O filme", de Luzimar Stricher (RS)
- "Da Porta pra Fora", de Thiago Foresti (DF)
- "Memórias da Chuva", de Wolney Oliveira (CE)

Kikitos à vista



Foto: EDISON VARA/AGÊNCIA PRESSPHOTO/DIVULGAÇÃO

Dois longas cearenses foram selecionados para as Mostras Competitivas do 51º Festival de Gramado, um dos mais prestigiados eventos cinematográficos do País. A ficção *Mais Pesado é o Céu* de Petrus Cariry disputa os troféus Kikito na mostra Longas-Metragens Brasileiros. Já o novo trabalho de Wolney Oliveira, *Memórias da Chuva*, está na competição oficial de Longas-Metragens Documentais. Ambos os filmes são os únicos representantes do Nordeste nas duas mostras.

O novo filme de Petrus tem elenco encabeçado por Matheus Nachtergaele e Ana Luiza Rios e conta a história de Teresa, que após acolher uma criança abandonada conhece Antônio e os dois iniciam uma jornada pelas estradas. No festival, competirá com outras cinco ficções brasileiras: *Angela* (SP), de Hugo Prata; *Mussum, o filmis* (RJ), de Silvio Guindane; *O Barulho da Noite* (TO), de Eva Pereira; *Tia Virgínia* (RJ), de Fabio Meira; e *Uma Família Feliz* (PR), de José Eduardo Belmonte.

Já o documentário de Wolney se debruça sobre a população de Jaguaribara, no interior do estado, que é obrigada a abandonar a cidade para dar lugar a construção do açude Castanhão. O filme terá quatro concorrentes: *Anhangabaú* (SP), de Lufe Bollini; *Da Porta Pra Fora* (DF), de Thiago Foresti; *Luis Fernando Veríssimo - o filme* (RS), de Luzimar Stricher; e *Roberto Farias - Memórias de Um Cineasta* (RJ), de Marise Farias.

O festival de Cinema de Gramado ocorre de 11 a 19 de agosto, no tradicional Palácio dos Festivais, na serra gaúcha. Ainda não foram divulgados os curtas-metragens nacionais que estarão na disputa pelos troféus desta edição.

20h45min. O Canal Brasil transmitirá ao vivo pela TV e também no Globoplay + Canais.

partidos - por Erivaldo Carvalho

23 de agosto, 2023

O que diz a Lei dos Partidos sobre formação política - por Erivaldo Carvalho

21 de agosto, 2023

O Maranhão de Sarney

21 de agosto, 2023



Universidade Federal do Ceará
CASA AMARELA EUSÉLIO OLIVEIRA (CAEO)

[Início](#)[Cursos](#)[Contato](#)[Sobre](#)[Notícias](#)

Você está em: [Início](#) > [Notícias](#) > “Memórias da Chuva” é selecionado para a Mostra Competitiva de Documentários do 51º Festival de Cinema de Gramado.

“Memórias da Chuva” é selecionado para a Mostra Competitiva de Documentários do 51º Festival de Cinema de Gramado.

Data de publicação: 4 de julho de 2023. Categoria: [Notícias](#)

O longa metragem documentário “*Memórias da Chuva*” foi selecionado para a Mostra Competitiva de Documentários do 51º Festival de Cinema de Gramado. Cinco longas brasileiros disputam nessa categoria. É uma honra está na seleção de um dos mais importantes festivais de cinema do Brasil. “*Memórias da Chuva*” resgata a jornada dos moradores de Jaguaribara em defesa do município e o processo de construção do Açude Castanhão. O filme contou com o apoio institucional da Universidade Federal do Ceará através da Casa Amarela Eusélio Oliveira (CAEO).

Direção: Wolney Oliveira. Graduado em Administração de Empresas pela Universidade Estadual do Ceará e em Cinema pela Escola Internacional de Cinema e Televisão de San Antonio de los Baños, Cuba. Dirigiu nove curtas e cinco longas-metragens. Foi premiado em festivais do Brasil, Itália, Cuba, México, entre outros.

Produção Executiva: Helena Colaço

Roteirista: Wolney Oliveira e Margarita Hernández

Direção de Fotografia: Rogerio Resende, Thiago Oliveira e Eusélio Gadelha

Produtores: Danilo Mattos, Juliana Lins, Rosa Freire

Trilha Sonora Original: João Victor Barroso

Montagem: Tiago Therrien e Wolney Oliveira

Desenho de Som: Érico Paiva e Big Frog Studio



Compartilhe:



 Casa Amarela Eusélio Oliveira (CAEO)

Campus Benfica - CEP 60020-180 - Fortaleza - CE

tel: (85) 3366.7772



Filmes cearenses são selecionados para Festival de Gramado 2023 tendo o açude Castanhão como cenário

VERSO

Produções de Petrus Cariry e Wolney Oliveira integram a seleção oficial de longas-metragens, anunciada nesta terça-feira (4); veja lista completa

Escrito por **Diego Barbosa**, diego.barbosa@svm.com.br 15:12 - 04 de Julho de 2023 Atualizado às 08:06 - 05 de Julho de 2023

Publicidade



Legenda: "Mais Pesado É o Céu" é dirigido por Petrus Cariry, e tem no elenco Matheus Nachtergaele, Ana Luiza Rios e Sílvia Buarque

Foto: Divulgação/Petrus Cariry



O Ceará é destaque em um dos eventos mais importantes do cinema brasileiro. "Mais Pesado É o Céu" e "Memórias da Chuva", dirigidos respectivamente por **Petrus Cariry** e **Wolney Oliveira**, integram a seleção oficial da 51ª edição do Festival de Cinema de Gramado. A lista da competitiva de longas-metragens nacionais e documentais foi divulgada nesta terça-feira (4).

De alguma forma, as duas obras possuem o **açude Castanhão** como cenário. Na sinopse oficial, "Mais Pesado É o Céu" conta a história de um casal, Teresa e Antônio. Eles se conhecem e, após acolher uma criança abandonada, iniciam uma jornada pelas estradas.

O passado em comum para os dois são as memórias de uma cidade submersa no fundo de uma represa. "A vida é sonho, mas o futuro é a incerteza", anuncia o texto de divulgação do longa, com roteiro de **Petrus Cariry**, **Firmino Holanda** e **Rosemberg Cariry** e, no elenco, Matheus Nachtergaele, Ana Luiza Rios, Sílvia Buarque, Danny Barbosa, Buda Lira e Marcos Duarte.

"Memórias da Chuva", por sua vez, aborda a submersão de **Jaguaribara** – cidade do interior cearense, distante 162 km de Fortaleza – de forma mais investigativa. O foco é a população do município, obrigada a abandonar o território para dar lugar à construção do Castanhão, açude que vai fornecer água para Fortaleza.



Legenda: "Memórias da Chuva" aborda a submersão de Jaguaribara – cidade do interior cearense, distante 162 km de Fortaleza – de forma mais investigativa

Foto: Divulgação

A mudança, conforme o documentário, trouxe mais perdas do que ganhos. Da velha cidade, só restou lembranças. O filme tem 76 minutos de duração. Ambas as produções, assim como todas as outras do festival, serão exibidas presencialmente em Gramado (RS), entre os dias **12 e 18 de agosto**, no tradicional Palácio dos Festivais.

O longa de abertura do evento será "**Retratos Fantasmas**", de Kleber Mendonça Filho, o qual fará a primeira exibição no Brasil, após passar pelo Festival de Cannes. Na noite de 19 de agosto, serão revelados os vencedores dos Kikitos.

DIVERSIDADE EM GRAMADO

Dos **mais de mil títulos inscritos**, as curadorias e comissões de seleção escolheram, nesta terça-feira (4), seis Longas-Metragens Brasileiros, cinco Longas-Metragens Documentais, cinco Longas-Metragens Gaúchos e 23 Curtas-Metragens Gaúchos. Ainda será divulgada a lista de Curtas-Metragens nacionais.

De acordo com a organização do evento, a **diversidade e o ineditismo** permeiam a seleção. Dentre os longas brasileiros, as seis produções terão **première mundial** em Gramado. A lista conta com uma representação da multiplicidade do audiovisual brasileiro, com visões de realizadores e realizadoras do Sul, Sudeste, Centro-Oeste, Norte e Nordeste do país.

Ao total, serão entregues **38 kikitos**, além das tradicionais homenagens com os Troféus Oscarito, Eduardo Abelin, Kikito de Cristal e Cidade de Gramado. Nesta 51ª edição, Gramado opta pelo ineditismo ao entregar o Troféu Oscarito a duas mulheres: as atrizes **Laura Cardoso** e **Léa Garcia**.

Além disso, pela primeira vez em sua história, o evento terá uma série como atração. A escolhida foi "**Cangaço Novo**", original Amazon, disponível no Prime Video a partir do dia 18 de agosto.

A produção conta com oito episódios e conta a história de Ubaldo, um bancário infeliz da zona urbana de São Paulo sem nenhuma lembrança da infância. Ele descobre, então, uma herança e duas irmãs no sertão cearense.

Veja a lista completa de filmes selecionados para Festival de Gramado:

LONGAS-METRAGENS BRASILEIROS

ANGELA | São Paulo - 110'00"
Direção: Hugo Prata
Sinopse: Ângela conhece Raul e acredita ter encontrado alguém que ama seu espírito livre tanto quanto ela. A atração avassaladora fez o casal largar tudo e viver o sonho de reconstruir suas vidas na praia. A relação declina para o abuso e violência, dando origem a um dos assassinatos mais famosos do Brasil.

Elenco: Isis Valverde, Gabriel Braga Nunes, Alice Carvalho, Emilio Orciollo Netto, Bianca Bin, Carolina Manica, Gustavo Machado e Chris Couto.
MAIS PESADO É O CÉU | Ceará - 98'01"
Direção: Petrus Cariry
Sinopse: Após acolher uma criança abandonada, Teresa conhece Antônio e os dois iniciam uma jornada pelas estradas. O passado em comum, para eles, são as memórias de uma cidade submersa no fundo de uma represa. A vida é sonho, mas o futuro é a incerteza.

Elenco: Matheus Nachtergaele, Ana Luiza Rios, Sílvia Buarque, Danny Barbosa, Marcos Duarte e Buda Lira.
MUSSUM, O FILMIS | Rio de Janeiro - 116'01"
Direção: Silvio Guindane
Sinopse: Mussum, o Filmis narra a trajetória de vida de Antônio Carlos Bernardes Gomes muito além do Mussum que o grande público conhece: a infância pobre, a carreira militar, a relação com a Mangueira, o sucesso com os Originais do Samba, além de bastidores d'Os Trapalhões.

Elenco: Ailton Graça, Thawan Lucas Bandeira, Yuri Marçal, Cacau Protásio, Neusa Borges, Jennifer Dias, Késia e Cinnara Leal.
O BARULHO DA NOITE | Tocantins - 97'07"
Direção: Eva Pereira
Sinopse: Maria Luíza (7), terá a infância roubada ao descobrir o segredo que pode acabar com a sua família. A leveza e alegria da criança cederão espaço ao olhar triste e atento pelo qual acompanharemos tudo se desfazer pelo desencontro de sonhos do casal e a chegada anunciada de um intruso.

Elenco: Marcos Palmeira, Emanuelle Araújo, Tonico Pereira, Patrick Sampaio, Alicia Santana, Ana Alice Dias, Wertemberg Nunes e Mercês Campelo.
TIA VIRGÍNIA | Rio de Janeiro - 97'34"
Direção: Fábio Meira
Sinopse: Virgínia nunca se casou e nem teve filhos, foi convencida pelas irmãs a deixar a vida que tinha para cuidar dos pais. O filme se passa em um único dia: o dia em que Virgínia se prepara para receber as irmãs Vanda e Valquíria, que viajam para celebrar o Natal.

Elenco: Vera Holtz, Arlete Salles, Louise Cardoso, Antonio Pitanga, Vera Valdez, Daniela Fontan, Amanda Lyra e Iuri Saraiva.
UMA FAMÍLIA FELIZ | Paraná - 115'08"
Direção: José Eduardo Belmonte
Sinopse: Em uma família feliz perfeitamente protegida em um condomínio fechado, uma mãe é duramente acusada de machucar as filhas gêmeas e o bebê recém-nascido. No entanto, a verdade por trás dos muros altos pode revelar uma crueldade inesperada.

Elenco: Grazi Massafera, Reynaldo Gianecchini, Luiza Antunes e Juliana Bim.
LONGAS-METRAGENS DOCUMENTAIS

ANHANGABAÚ | São Paulo - 75'01"
Direção: Lufe Bollini
Sinopse: Anhangabaú é um documentário sobre as construções simbólicas de uma cidade em disputa. O filme conecta os conflitos pelo território da comunidade indígena Guarani Mbya com a resistência da maior ocupação artística da América Latina e do grupo Teatro Oficina, na cidade de São Paulo.

Elenco: Valter Machado, Ara Mirim, Karai Djekupe, Zé Celso Martínez Corrêa, Persie Oliveira e Veronica Valentino.
DA PORTA PRA FORA | Brasília - 74'01"
Direção: Thiago Foresti
Sinopse: Durante a maior pandemia dos últimos tempos, a sociedade aguarda confinada o desenrolar dos eventos sem saber quanto tudo voltará ao normal. Do lado de fora, o aplicativo não para de apitar e três entregadores de apps arriscam suas vidas.

Elenco: Alessandro da Conceição, Keliene Alves e Marcos Nunes.
LUIS FERNANDO VERISSIMO - O FILME | Rio Grande do Sul - 119'40"
Direção: Luzimar Stricher
Sinopse: Nosso cronista maior, econômico em palavras e gestos, de fala e escrita. Não gosta de jogar conversa fora, seu feito é ficar vendo, ouvindo, prestando atenção por mais tarde devolver tudo em forma de crônicas antológicas. Um humorista que é ao mesmo tempo engraçado e sério, leve e profundo.

Elenco: Luis Fernando Veríssimo, João Soares, Jorge Furtado, Paulo Caruso, Chico Caruso, Zuenir Ventura, Ziraldo, Santiago, Ruy Carlos Ostermann, Claudia Laitano, Edgar Vásques, Flávio Loureiro Chavez e Goida.
MEMÓRIAS DA CHUVA | Ceará - 76'18"
Direção: Wolney Oliveira
Sinopse: A população de Jaguaribara, cidade do interior cearense, distante 162 km de Fortaleza, é obrigada a abandonar sua cidade para dar lugar a construção do Castanhão, açude que vai fornecer água para Fortaleza. A mudança trouxe mais perdas do que ganhos, da velha cidade só restou lembranças.

ROBERTO FARIAS - MEMÓRIAS DE UM CINEASTA | Rio de Janeiro - 78'01"
Direção: Marise Farias
Sinopse: Marise Farias, filha do cineasta Roberto Farias, revela um retrato intimista da paisagem do pai do cinema, desde sua infância até sua trajetória política, econômica e cultural do cinema brasileiro. As memórias são contadas pelo próprio Roberto, e por amigos como Luis Carlos Barreto e Cacá Diegues.

/panorama



Emerson Maranhão

emerson@ootimista.com.br

Kikitos à vista

Dois longas cearenses

foram selecionados para as Mostras Competitivas do 51º Festival de Gramado, um dos mais prestigiados eventos cinematográficos do País. A ficção *Mais Pesado que a Chuva*, de Petrus Cariry disputa os troféus Kikito na mostra Longas-Metragens Brasileiros. Já o novo trabalho de Wolney Oliveira, *Memórias da Chuva*, está na competição oficial de Longas-Metragens Documentais. Ambos os filmes são os únicos representantes do Nordeste nas duas mostras.



EDISON VARA/AGÊNCIA PRESSPHOTO/DIVULGAÇÃO

O novo filme de Petrus tem elenco encabeçado por Matheus Nachtergaele e Ana Luiza Rios e conta a história de Teresa, que após acolher uma criança abandonada conhece Antônio e os dois iniciam uma jornada pelas estradas. No festival, competirá com outras cinco ficções brasileiras: *Angela* (SP), de Hugo Prata; *Mussum, o filmis* (RJ), de Silvio Guindane; *O Barulho da Noite* (TO), de Eva Pereira; *Tia Virgínia* (RJ), de Fabio Meira; e *Uma Família Feliz* (PR), de José Eduardo Belmonte.

Já o documentário de Wolney se debruça sobre a população de

Jaguaribara, no interior do estado, que é obrigada a abandonar a cidade para dar lugar a construção do açude Castanhão. O filme terá quatro concorrentes: *Anhangabaú* (SP), de Lufe Bollini; *Da Porta Pra Fora* (DF), de Thiago Foresti; *Luis Fernando Veríssimo - o filme* (RS), de Luzimar Stricher; e *Roberto Farias - Memórias de Um Cineasta* (RJ), de Marise Farias.

O festival de Cinema de Gramado ocorre de 11 a 19 de agosto, no tradicional Palácio dos Festivais, na serra gaúcha. Ainda não foram divulgados os curtas-metragens nacionais que estarão na disputa pelos troféus desta edição.



Você está aqui: Início > Notícias > Filme "Memórias da chuva" é selecionado para mostra competitiva do 51º Festival de Cinema de Gramado

Filme "Memórias da chuva" é selecionado para mostra competitiva do 51º Festival de Cinema de Gramado



Terça, 11 Julho 2023 16:15

O filme *Memórias da chuva*, produzido pela Bucanero Filmes com apoio institucional da [Casa Amarela Eusélio Oliveira](#) (CAEO) e da Universidade Federal do Ceará, foi selecionado, na categoria de longa-metragem documental, para a [mostra competitiva do 51º Festival de Cinema de Gramado](#).

O longa é o **único representante do Nordeste dentre os documentários concorrentes** e representará o Ceará juntamente com o filme *Mais pesado é o céu*, do cineasta Petrus Cariry, indicado no segmento de longas-metragens brasileiros. O evento acontecerá de 11 a 19 de agosto deste ano, em Gramado (RS), na serra gaúcha.



"*Memórias da chuva*" terá a sua *première mundial* em 14 de agosto de 2023, durante a programação do 51º Festival de Cinema de Gramado (Foto: Wolney Oliveira)

Dirigido por Wolney Oliveira, que coassina o roteiro com Margarita Hernández, o documentário conta as **histórias de moradores de Jaguaribara**, município localizado a 162 quilômetros de distância da capital Fortaleza, que, em meados dos anos 1990, tiveram de abandonar as suas casas para a construção do açude Castanhão. A atual pró-reitora-adjunta de Planejamento e Administração da UFC, Adênia Guimaraes, cuja família é natural de Jaguaribara, é uma das fontes entrevistadas para o longa-metragem.

Segundo Wolney, diretor da Casa Amarela Eusélio Oliveira da UFC, as filmagens de *Memórias da chuva* se iniciaram em 2017, quando, na sequência de um longo período de estiagem, o reservatório atingiu apenas 5% de sua capacidade de armazenamento e assim reapareceram as ruínas da antiga cidade inundada.

"O documentário resgata toda essa história e trabalha muito com material de arquivo. Sempre namorei a história de Jaguaribara, porque foi muito presente na mídia do Ceará e do Brasil. Imagina você ter que deixar a sua cidade, que vai ser coberta pelas águas?", reflete.

A produção do documentário prosseguiu durante a pandemia de covid-19, a partir da aprovação do projeto na Lei Aldir Blanc em 2021, e toda a equipe envolvida teve de se adequar aos protocolos sanitários. À maneira de *Milagre de Juazeiro*, o primeiro longa do diretor, que foi visto em um telão de 160 metros quadrados por um público de 90 milromeiros em Juazeiro do Norte, Wolney Oliveira está negociando com a Prefeitura de Jaguaribara a exibição da obra para os habitantes da cidade.

"Queremos fazer uma exibição em praça pública, em frente à igreja matriz, para que os moradores possam se ver, vai ser um momento muito emocionante. A população vai ter várias oportunidades de ver o filme", comenta.



Wolney Oliveira (foto), diretor da Casa Amarela Eusélio Oliveira da UFC, dirige e coassina o roteiro de "Memórias da chuva" com Margarita Hernández (Foto: Francisco Fontenele)

ESTREIA – *Memórias da chuva* terá a sua *première mundial* em **14 de agosto de 2023**, durante a programação do Festival de Gramado, que é o principal evento de cinema e audiovisual no Brasil. De um total de cerca de 150 filmes inscritos, foram selecionados 5 documentários em longa-metragem para concorrer ao desejado troféu Kikito, de acordo com critérios definidos pelo júri de curadores, formado pelo ator e diretor Caio Blat, o jornalista e crítico de cinema Marcos Santuário, e a atriz e cantora argentina Soledad Villamil.

Como informa o diretor Wolney Oliveira, o documentário também será apresentado no dia **1º de dezembro deste ano** no **33º Cine Ceará – Festival Ibero-Americano de Cinema**, em Fortaleza. Após percorrer o circuito de festivais, o filme será exibido no circuito comercial, buscando ainda espaços de veiculação na TV aberta e em canais a cabo.

Fonte: Casa Amarela Eusélio Oliveira (CAEO/UFC) – fone: (85) 3366 7772

Compartilhe:

Facebook

Twitter

Ceará em Gramado



FOTO: PETRUS CARIRY/DIVULGAÇÃO

Ainda falando no Festival de Gramado e em cearenses na competição, os dois filmes do Ceará que estão na disputa pelos Kikitos desta edição serão exibidos na mesma noite. A ficção ***Mais Pesado é o Céu (FOTO)***, de Petrus Cariry, deve ganhar a tela do Palácio dos Festivais às 18hs da próxima segunda-feira, dia 14. Logo na sequência, por volta das 20hs, está programada a exibição do documentário *Memórias da Chuva*, de Wolney Oliveira, que encerra a mostra competitiva do dia. Muito sucesso aos dois!

Assista à uma cena de ***Mais Pesado é o Céu***:



Assista ao trailer de ***Memórias da Chuva***:



MEMÓRIAS DA CHUVA (2022) Dir. Wolney Oliveira

agosto 15, 2023

[COMPARTILHAR](#)



A caminho de Bacurau

Texto de Marco Fialho

"Memórias da chuva", filme cearense de Wolney Oliveira, de certa maneira simboliza muito o que é a história do povo nordestino: uma eterna luta contra os desmandos e autoritarismo dos políticos que sempre pensam primeiro em seus interesses econômicos e jamais no bem-estar do coletivo. Nessa história, a cidade Jaguaribara inteira é destruída para a construção da Barragem Castanhão, que no processo se revelaria o quanto ela viria beneficiar apenas as indústrias locais e o agronegócio, ignorando a dor lancinante do abandono de toda uma população que ali morava.

O filme de Wolney, não tem bem um protagonista, já que vários moradores participam como personagens, mesmo que a Irmã Bernadete tenha algum tempo a mais na tela. A impressão que fica é que a cidade de Jaguaribara é a maior personagem do documentário. Toda a história dessa cidade vai sendo devastada pelo poder oficial, deixando uma tristeza profunda nos moradores, que são deslocados para uma nova cidade chamada de Nova Jaguaribara. Não casualmente, o número de casos de depressão e infartos aumentam após a mudança dos moradores.

Uma das cenas mais impactantes de "Memórias da chuva" é o momento em que os moradores de Jaguaribara precisam levar os corpos de seus familiares para o novo cemitério. O sofrimento de ter que desenterrar esses corpos para levá-los em caixas de alumínio é impactante, em especial o de um senhor que precisa levar o corpo do sobrinho adolescente que mesmo depois de 6 anos de morto continua com o corpo intacto. Outro instante impregnado de tristeza é o da partida, quando todos olham pela última vez para o lugar em que passaram toda a vida.

"Memórias da chuva" se relaciona muito com uma ideia de memória, de como guardá-la ou preservá-la quando quase nada de material mais existe e o território em si não existe mais, virou somente uma grande extensão de água.

Interessante como os moradores criaram na nova cidade construída um muro com as placas das ruas da antiga cidade. Wolney vai resgatar o processo de luta dos moradores para impedir a mudança e depois a organização para que a nova cidade funcione e permita que as pessoas, de alguma forma, retomem suas vidas nesse novo lugar. Tudo leva a crer que as pessoas se distanciaram mais quando foram morar em Nova Jaguaribara, pois a nova cidade era maior e espaçosa as moradias. Há ainda uma mobilização para que a cidade mantenha o nome Jaguaribara, com a inserção apenas da palavra Nova antes do nome antigo, ao invés de mudar para Tassilândia (em referência ao governador Tasso Jereissati) que era a proposta oficial. A população entendeu o quanto era fundamental para os moradores preservar parte do nome como uma incorporação memorialística, para que se mantivesse a origem daquela população.

O filme vai passeando pelo tempo, passa pelos anos 1990, os anos 2000 até chegar aos nossos dias. Wolney entrevista os moradores em relação à expectativa da mudança e depois registra o que aconteceu depois de 20 anos na nova cidade. Tem uma personagem que à certa altura diz que a destruição das casas antigas é como assistir uma pessoa morrer. E mal sabia essa moradora que essa morte seria dupla: primeiro com as escavadeiras derrubando casas, comércio e igreja antes da ocupação da água; e por último, quando os moradores vêm a água dos açudes irem ano a ano secarem, permitindo que se pudesse ver alguns vestígios das construções e ruas antigas que conformavam a cidade de Jaguaribara.

Um dos pontos mais importantes que Wolney Oliveira consegue amarrar à sua narrativa é a camada da política. Ao pontuar a todo o momento esse viés, o diretor constrói uma visão crítica sobre a relação entre o poder público e a população, e esse é um dos aspectos mais impactantes que "Memórias da chuva" nos deixa, o do descaso dos políticos. Mas em paralelo, se constrói uma outra imagem, a da força e consciência da população acerca dos limites das conquistas de suas lutas, mas sem nunca deixar de lutar. Esse vigor da população nos remeteu de imediato a Bacurau, filme icônico de Kleber Mendonça Filho, só que "Memórias da chuva" não está revestido por uma aura fabular como a obra pernambucana, mas sim está posta dentro de um viés realista, de uma resistência plausível. A tarefa mais difícil de assistir a esse singelo e pungente filme, é tentar não se envolver com essa história, embebida de tanta dor e luta por justiça.

INÍCIO » MEMÓRIAS DA CHUVA: WOLNEY OLIVEIRA APRESENTA DOCUMENTÁRIO NO 51º FESTIVAL DE CINEMA DE GRAMADO

Memórias da Chuva: Wolney Oliveira apresenta documentário no 51º Festival de Cinema de Gramado

Data: 16/08/2023 Categoria: Notícias

Compartilhar



por: CINEVITOR



O cineasta Wolney Oliveira no palco do Palácio dos Festivais

Dirigido pelo cineasta cearense **Wolney Oliveira**, de *Soldados da Borracha*, *Memórias da Chuva* foi exibido nesta segunda-feira, 14/08, na 51ª edição do **Festival de Cinema de Gramado** e abriu a **mostra competitiva de longas-metragens documentais**.

O filme revisita a história da construção do **Açude Castanhão**, projetado para garantir recursos hídricos para **Fortaleza**, no **Ceará**, e região metropolitana, e o conseqüente deslocamento da população da cidade de **Jaguaribara**, que foi demolida para dar lugar à barragem, para um novo espaço de habitação.

No **Palácio dos Festivais**, **Wolney** subiu ao palco acompanhado por alguns integrantes da equipe, como: **Mayara Magalhães**, responsável pela pesquisa; **Rogério Resende**, diretor de fotografia; **Tiago Therrien**, montador; **Lucas Hernández**, assistente de montagem; e os personagens **Vauvernagues Almeida** e **Livia Barreto**, moradores de **Jaguaribara**.

"Agradeço ao festival por selecionar nosso filme e também parabeno pelo fato do cinema documental voltar a ser presencial. Dedico essa exibição a três mestres do documentário: dois deles foram meus professores em Cuba, o Fernando Pérez e o Gerardo Chijona; e o outro que é um mestre mundial, Eduardo Coutinho", disse **Wolney** em seu discurso. **Vauvernagues Almeida**, um dos personagens do filme, também falou: *"É um prazer participar desse festival tão falado no Brasil. Com esse filme, vocês terão a oportunidade de conhecer o maior luto que até hoje vivenciamos na nossa terra, no nosso estado"*, disse.

Livia Barreto, **Secretária de Desenvolvimento Econômico de Jaguaribara** e uma das personagens do filme, relembrou, no palco, o ocorrido em sua cidade: *"Há 21 anos estávamos em processo de mudança. É emocionante lembrar tudo isso. O documentário volta nossa emoção como um povo que se sacrificou e deixou para trás sua história e sua cidade para dar mais água ao Ceará"*, disse.

Memórias da Chuva é narrado pelo ponto de vista dos moradores da cidade e utiliza entrevistas e imagens de arquivo produzidas por eles no decorrer dos anos. O material reunido apresenta os impactos sociais, políticos, econômicos, ambientais e afetivos causados pelo ambicioso projeto governamental que, desde os anos 1980, já indicava a submersão de **Jaguaribara**. Nessa época, os moradores se uniram na formação de uma frente de resistência para tentar impedir o projeto. A criação de uma cidade substituta, a primeira planejada do **Ceará**, surgiu como uma demanda dessa articulação popular, já que a proposta original previa apenas indenizar os moradores pela remoção.



Cena do documentário

O **Castanhão**, a **Nova Jaguaribara** e o **canal de integração** que leva água para **Fortaleza** começaram a ser construídos em 1995, mas foi apenas em 2001 que as pessoas foram definitivamente deslocadas para suas novas moradas. Mais de 20 anos depois, o filme desperta as memórias do **povo jaguaribarense** e discute a relação de pertencimento com a cidade do passado e a do presente.

No dia seguinte à exibição, **Wolney Oliveira** participou de um debate com a imprensa e com o público, que aconteceu na **Sociedade Recreio Gramadense** e foi mediado pelo jornalista **Roger Lerina**: *"É uma história de dor e sofrimento. Politicamente não se cumpriu nada. Era uma cidade com mais de nove mil habitantes que deu lugar para a construção do Açude Castanhão quando existia uma possibilidade que pouparia aquele lugar. Até hoje, quando a água baixa e a cidade antiga aparece, todos da cidade nova voltam. É uma romaria, de geração para geração"*, disse **Wolney**.

A pesquisa do filme foi realizada pela cientista social **Mayara Magalhães**, que trabalhou de forma coletiva com os produtores para coletar os arquivos e localizar os personagens essenciais para as entrevistas: *"A própria população montou um acervo riquíssimo e tudo é muito acessível"*, disse a pesquisadora no debate. E continuou: *"O filme conta uma história recente, que aconteceu em um momento de fácil acesso às câmeras domésticas. Por isso, os jaguaribarense conseguiram registrar momentos importantes de forma amadora"*. **Wolney Oliveira** finalizou: *"A interferência na vida de mais de nove mil pessoas teve grande repercussão na mídia local e nacional, o que me interessou como cineasta"*.

Além do **documentário**, o **cinema cearense** também marcou presença na **competitiva de longas brasileiros de ficção** do **51º Festival de Gramado** na noite de segunda-feira com *Mais Pesado é o Céu*, de **Petrus Cariry**; clique [aqui](#) e confira o pôster e uma cena do filme. Os curtas-metragens *Sabão Líquido*, de **Fernanda Reis** e **Gabriel Faccini**, e *Jussara*, de **Camila Cordeiro Ribeiro**, também foram exibidos, assim como o primeiro episódio da série *Cangaço Novo*.

Rodada no **sertão nordestino**, a trama de *Mais Pesado é o Céu* acompanha o encontro de Antônio, vivido por **Matheus Nachtergaele**, e Teresa, interpretada por **Ana Luíza Rios**, que, por motivos diferentes, pegam a estrada em busca de reconstruir a vida. Diante de um **Brasil** devastado pela crise moral e política, os dois acolhem um bebê abandonado e formam uma família improvável sob o sol escaldante do interior do **Ceará**. Clique [aqui](#) e confira nosso bate-papo com o ator **Matheus Nachtergaele**, que falou sobre a exibição em **Gramado** e também sobre a morte da atriz **Léa Garcia**.

"O CINEVITOR está em Gramado e você acompanha a cobertura do evento por aqui, pelo canal do YouTube e pelas redes sociais: Twitter, Facebook e Instagram."

Fotos: Cleiton Thiele/Agência Pressphoto/Divulgação.

Comentários

Veja também



CINEVITOR #442: Entrevista com Alice Carvalho | Cangaço Novo | 51º Fes...



Festival de Gramado 2023: conheça os curtas-metragens vencedores



Mussum, o Filmis, de Silvio Guindane, é o grande vencedor do 51...



FILMES

Memórias da Chuva: doc CEARENSE faz sua estreia em Gramado

Festival de cinema acontece entre os dias 11 e 19 de agosto na serra gaúcha

A produção cearense **Memórias da Chuva** (2023), dirigida por **Wolney Oliveira**, terá a sua estreia mundial na competição de longas-metragens documentais do **51º Festival de Cinema de Gramado**, que acontece entre os dias 11 e 19 de agosto na serra gaúcha. O filme revisita a história da construção do Açude Castanhão, projetado para garantir recursos hídricos para Fortaleza (CE) e região metropolitana, e o consequente deslocamento da população da cidade de Jaguaribara, que foi demolida para dar lugar à barragem, para um novo espaço de habitação.

Memórias da Chuva é narrado pelo ponto de vista dos moradores da cidade e utiliza entrevistas e imagens de arquivo produzidas por eles no decorrer dos anos. O material reunido apresenta os impactos sociais, políticos, econômicos, ambientais e afetivos causados pelo ambicioso projeto governamental que, desde os anos 80, já indicava a submersão de Jaguaribara. Nessa época, os moradores se uniram na formação de uma frente de resistência para tentar impedir o projeto. A criação de uma cidade substituta, a primeira planejada do Ceará, surgiu como uma demanda dessa articulação popular, já que a proposta original previa apenas indenizar os moradores pela remoção. Assista ao [trailer](#):



O Castanhão, a Nova Jaguaribara e o canal de integração que leva água para Fortaleza começaram a ser construídos em 1995, mas foi apenas em 2001 que as pessoas foram definitivamente deslocadas para suas novas moradas. Mais de 20 anos depois, o filme desperta as memórias do povo jaguaribarense e discute a relação de pertencimento com a cidade do passado e a do presente. Memórias da Chuva é o único longa-metragem nordestino na competição de documentários do Festival de Cinema de Gramado e será exibido na noite do dia 14 de agosto, no Palácio dos Festivais, com a presença do diretor e de parte da equipe que colaborou com a obra.

Para o cineasta Wolney Oliveira, o documentário se propõe a dar voz a pessoas que dificilmente são ouvidas ou que foram ouvidas pontualmente. “Foi uma emergência e o governo teve que tomar uma decisão polêmica, como são decisões que envolvem dizimar uma cidade histórica como era Jaguaribara. A interferência na vida de mais de 9 mil pessoas teve grande repercussão na mídia local e nacional, o que me interessou como cineasta. Em 2017, o Castanhão estava com 5% de água e Fortaleza perto de um colapso, então eu montei uma equipe por conta própria e banquei as primeiras gravações. Em 2018, o açude chegou a 2,5% e voltamos para filmar. Fiz algumas amizades lá, como o Valvernagues Almeida, um dos entrevistados, que é o Lumière da cidade. O filme aprofunda essas questões, analisa e recupera uma história que estava contada em livros e matérias de jornais, mas ainda não estava contada em um longa-metragem”, diz o diretor.

A pesquisa do filme foi realizada pela cientista social **Mayara Magalhães**, que trabalhou de forma coletiva com os produtores para coletar os arquivos e localizar os personagens essenciais para as entrevistas. “O filme conta uma história recente, que aconteceu em um momento de fácil acesso às câmeras domésticas. Por isso, os jaguaribarenses conseguiram registrar momentos importantes de forma amadora. Tinha muito material disponível, tanto de imagens quanto de pesquisas acadêmicas. O Castanhão foi muito divulgado pelo governo porque era uma grande obra não apenas pela engenhosidade, mas também pela importância de ter um açude que teoricamente acabaria com a crise de abastecimento do Ceará. A nova cidade é muito bonita e tem uma ótima estrutura, mas em algum momento tudo que tinha sido planejado para ela não deu certo porque ela não conseguiu se desenvolver e as pessoas ficaram decepcionadas”, afirma a pesquisadora.



Edipo Pereira



TAPIS ROUGE

#CINEMA

O CEARÁ EM GRAMADO

Documentário *Memórias da Chuva*, de Wolney Oliveira, e longa de ficção *Mais Pesado é o Céu*, de Petrus Cariry, serão exibidos no Festival de Gramado, uma das maiores competições do cinema brasileiro. Saiba mais sobre as produções e as expectativas dos diretores

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Memórias da Chuva, de Wolney Oliveira

Mais Pesado é o Céu, de Petrus Cariry

Sâmya Mesquita
samyam@ootimista.com.br

Que o cinema cearense é primorosamente talentoso, isso não é novidade. Mas é perceptível que, nos últimos anos, diversas produções locais têm ganhado as salas de cinema de festivais de grande relevância nacional e internacional. Um desses tapetes vermelhos é o do Festival de Gramado, na serra gaúcha, que começa nesta sexta-feira (11) e vai até o dia 19 de agosto. Entre os competidores de toda a América Latina, dois são cearenses: o documentário *Memórias da Chuva*, de Wolney Oliveira, e a ficção *Mais Pesado é o Céu*, de Petrus Cariry.

As duas produções giram em torno de um tema em comum: a extinção da antiga cidade de Jaguaribara, a 162 km de Fortaleza, engolida pela água para a construção do açude Castanhão. Mas embora a premissa seja a mesma, a diferença reside no formato e na abordagem. No caso do longa documental de Wolney Oliveira, diretor da Casa Amarela da Universidade Federal do Ceará (UFC), são apresentadas as perdas imateriais que os cidadãos daquela cidade sofreram - e ainda sofrem. Ao *Tapis Rouge*, o diretor fala sobre ter seu documentário exibido na 51ª edição do festival, no

mesmo dia do conterrâneo Petrus Cariry. "São duas gerações de cineastas cearenses e são os dois únicos filmes de ficção e documentário do Nordeste que estão competindo. Então isso prova a força, a pujança e o poder do cinema cearense, que nos últimos anos despontou como uma das principais cinematografias do País, ganhando prêmios aí pelo mundo todo. Acho que isso impacta fortemente na geração de novos cineastas", reflete Wolney, que aponta o trabalho da Casa Amarela Eusélio Oliveira e do Cine Ceará, do qual é diretor-executivo, como efervescentes na propulsão desse cenário.

Wolney foi premiado em festivais do Brasil, Itália, Cuba, México, entre outros. E ele lembra que o cinema nacional é mais que arte: é denúncia. Do mesmo jeito que fez em *Soldados da Borracha* (2019), relatando as mais de 30 mil mortes de nordestinos na Amazônia em plena Segunda Guerra Mundial, *Memórias da Chuva* relata a história de cidadãos que tiveram suas memórias menosprezadas pelos órgãos públicos: "Este é o primeiro longa documental sobre a história de Jaguaribara e vem dar voz a essas pessoas não ouvidas e, de certa maneira,

abandonadas no espaço e no tempo. E que, através do filme, existe uma organização para dar voz a essas pessoas".

Já no caso de *Mais Pesado é o Céu*, a história ficcional tem ecos na cidade afundada, mas não se restringe a isso. Antônio (Matheus Nachtergaele) e Teresa (Ana Luíza Rios) acolhem uma criança abandonada, mesmo que eles próprios sejam órfãos de sua origem e não tenham previsões de futuro. Petrus Cariry, que já participou do festival com o curta *Dos Restos e das Solidões* (2006), fala do simbolismo em referência à cidade inundada. "A questão de Jaguaribara entra no filme de forma política e poética. Você ter toda uma população removida de uma cidade, alojada em uma outra cidade, construída para elas... É no mínimo estranhíssimo, isso. Porque, de alguma forma, a sua alma fica naquela cidade. Suas dores, por mais que você as carregue. Memórias assim estão sempre com a gente, mas alguma coisa fica ali, né? Naquela cidade submersa, no fundo da represa do Castanhão. É um espanto", diz o cineasta, que teve seus filmes exibidos e premiados em importantes



festivais internacionais de cinema, da Índia a Miami.

Memórias da Chuva e *Mais Pesado é o Céu* serão exibidos na próxima segunda-feira (14), a partir das 17h30, e o resultado sai no último dia de evento, às 21h.

O festival

O Festival de Gramado, oficializado pelo Instituto Nacional de Cinema (INC) e realizado pela primeira vez em janeiro de 1973, é um dos principais eventos do gênero do País, realizado anualmente no Palácio dos Festivais, no município de Gramado, no estado do Rio Grande do Sul. Desde a sua 20ª edição, em 1992, inclui não apenas produções brasileiras, mas também filmes de origem latinoamericana — de onde vem sua designação oficial, "Festival de Cinema Brasileiro

e Latino". O troféu em formato de sol é o Kikito.

A curadoria desta edição é de Caio Blat, Marcos Santuário e Soledad Villamil. Entre os presentes, estão as homenageadas Laura Cardoso, Léa Garcia, Alice Braga, Ingrid Guimarães e Lucy Barreto. Concorrem também Isis Valverde, Reynaldo Gianecchini, Grazi Massafera, Leticia Collin, Vera Holtz, Marcos Palmeira, Emanuele Araújo e outros grandes nomes.

mais

Para conferir outras informações sobre o festival e como assistir online, acesse www.tapisrouge.com.br



Início > Notas > Wolney Oliveira e Petrus Cariry falam sobre seus novos filmes, que serão...

Wolney Oliveira e Petrus Cariry falam sobre seus novos filmes, que serão exibidos no Festival de Gramado

7 de agosto de 2023

Documentário "Memórias da Chuva", de Wolney Oliveira, e longa-metragem "Mais Pesado é o Céu", de Petrus Cariry, serão exibidos no Festival de Gramado, uma das maiores competições do cinema brasileiro. Saiba mais sobre as produções e as expectativas dos diretores

Sâmya Mesquita

samyam@ootimista.com.br

Que o cinema cearense é primorosamente talentoso, isso não é novidade. Mas é perceptível que, nos últimos anos, diversas produções locais têm ganhado as salas de cinema de festivais de grande relevância nacional e internacional. Um desses tapetes vermelhos é o do Festival de Gramado, na serra gaúcha, que começa nesta sexta-feira (11) e vai até o dia 19 de agosto. Entre os competidores de toda a América Latina, dois são cearenses: o documentário "Memórias da Chuva", de Wolney Oliveira, e o longa de ficção "Mais Pesado é o Céu", de Petrus Cariry.

As duas produções giram em torno de uma base em comum: a extinção da antiga cidade de Jaguaribara, a 162 km de Fortaleza, engolida pela água para a construção do açude Castanhão. Mas embora a premissa seja a mesma, a diferença reside no formato e na abordagem. No caso do documentário de Wolney Oliveira, diretor da Casa Amarela da Universidade Federal do Ceará (UFC), são apresentadas as perdas imateriais que os cidadãos daquela cidade sofreram – e ainda sofrem. Ao Tapis Rouge, o diretor fala sobre ter seu documentário exibido na 51ª edição do festival, no mesmo dia do conterrâneo Petrus Cariry. "São duas gerações de cineastas cearenses e são os dois únicos filmes de ficção e documentário do Nordeste que estão competindo. Então isso prova a força, a pujança e o poder do cinema cearense que nos últimos anos despontou como uma das principais cinematografias do País, ganhando prêmios aí pelo mundo todo. Acho que isso impacta fortemente na geração de novos cineastas", reflete Wolney, que aponta o trabalho da Casa Amarela Eusélio Oliveira e do Cine Ceará, do qual é diretor-executivo, como efervescentes na propulsão desse cenário.

Wolney foi premiado em festivais do Brasil, Itália, Cuba, México, entre outros. E ele lembra que o cinema nacional é mais que arte: é denúncia. Do mesmo jeito que fez em "Soldados da Borracha" (2019), relatando as mais de 30 mil mortes de nordestinos na Amazônia em plena Segunda Guerra Mundial, "Memórias da Chuva" relata a história de cidadãos que tiveram suas memórias menosprezadas pelos órgãos públicos: "Este é o primeiro longa documentário sobre a história de Jaguaribara e vem dar voz a essas pessoas não ouvidas e, de certa maneira, abandonadas no espaço e no tempo. E que, através do filme, existe uma organização para dar voz a essas pessoas".

Já no caso de "Mais Pesado é o Céu", a história ficcional tem ecos na cidade afundada, mas não se restringe a isso. Antônio (Matheus Nachtergaele) e Teresa (Ana Luiza Rios) acolhem uma criança abandonada, mesmo que eles próprios sejam órfãos de sua origem e não tenham previsões de futuro. Petrus Cariry, que já participou do festival com o curta "Dos Restos e das Solidões" (2006), fala do simbolismo em referência à cidade inundada. "A questão de Jaguaribara entra no filme de forma política e poética. Você ter toda uma população removida de uma cidade, alojada em uma outra cidade, construída para elas... É no mínimo estranhíssimo, isso. Porque, de alguma forma, a sua alma fica naquela cidade. Suas dores, por mais que você as carregue. Memórias assim estão sempre com a gente, mas alguma coisa fica ali, né? Naquela cidade submersa, no fundo da represa do Castanhão. É um espanto", diz o cineasta, que teve seus filmes exibidos e premiados em importantes festivais internacionais de cinema, da Índia a Miami.

"Memórias da Chuva" e "Mais Pesado é o Céu" serão exibidos na próxima segunda-feira (14), a partir das 17h30, e o resultado sai no último dia de evento, às 21h.

Festival de Gramado

O Festival de Gramado, oficializado pelo Instituto Nacional de Cinema (INC) e realizado pela primeira vez em janeiro de 1973, é um dos principais eventos do gênero do País, realizado anualmente no Palácio dos Festivais, no município de Gramado, no estado do Rio Grande do Sul. Desde a sua 20ª edição, em 1992, inclui não apenas produções brasileiras, mas também filmes de origem latinoamericana — de onde vem sua designação oficial, "Festival de Cinema Brasileiro e Latino". O troféu em formato de sol é o Kikito.

A curadoria desta edição é de Caio Blat, Marcos Santuário e Soledad Villamil. Entre os presentes, estão as homenageadas Laura Cardoso, Léa Garcia, Alice Braga, Ingrid Guimarães e Lucy Barreto. Concorrem também Isis Valverde, Reynaldo Gianecchini, Grazi Massafera, Leticia Collin, Vera Holtz, Marcos Palmeira, Emanuele Araújo e outros grandes nomes.

Mais

Para quem deseja visitar o RS para assistir ao festival pessoalmente, os ingressos para as sessões noturnas estão em fase de definição do formato de acesso. A decisão final depende de prerrogativas da Lei Federal de Incentivo à Cultura. Acompanhe o **Tapis Rouge** para saber dessas novidades.

Onde assistir ao Festival de Gramado

LMB e LME | Longas-Metragens Brasileiros e Estrangeiros: Única exibição em televisão pelo Canal Brasil, a partir das 20h.

Cerimônia de premiação | Entrega dos Kikitos: Transmitida ao vivo nos canais digitais do Festival de Cinema de Gramado (YouTube, site e Facebook) e pelo Canal Brasil, na TV e no YouTube.

Entrevistas com filmes concorrentes Brasileiros e Estrangeiros: Nos canais digitais do Festival de Cinema de Gramado (YouTube, site e Facebook).

Serviço

Festival do Cinema Brasileiro de Gramado

De 11 a 19 de agosto

Palácio dos Festivais, Gramado, Rio Grande do Sul

Informações: festivaldegramado.net

Divulgue seu evento

O Tapis Rouge pode divulgar o seu evento! Entre em contato conosco.

Facebook



/panorama



Emerson Maranhão

emerson@ootimista.com.br

PETRUS CARIRY/DIVULGAÇÃO



Ceará em Gramado

Ainda falando no Festival de Gramado e em cearenses na competição, os dois filmes do Ceará que estão na disputa pelos Kikitos desta edição serão exibidos na mesma noite. A ficção **Mais Pesado é o Céu (FOTO)**, de Petrus Cariry, deve ganhar a tela do Palácio dos Festivais às 18hs da próxima segunda-feira, dia 14. Logo na sequência, por volta das 20hs, está programada a exibição do documentário *Memórias da Chuva*, de Wolney Oliveira, que encerra a mostra competitiva do dia. Muito sucesso aos dois!

Documentário Memórias da Chuva estreia no Festival de Gramado

12/08/2023 BY JOANICE SAMPAIO



Foto: Divulgação

A produção cearense Memórias da da Chuva (2023), dirigida por Wolney Oliveira, terá a sua estreia mundial na competição de longas-metragens documentais do festival que acontece entre os dias 11 e 19 de agosto na serra gaúcha. O filme revisita a história da construção do Açude Castanhão, projetado para garantir recursos hídricos para Fortaleza (CE) e região metropolitana, e o conseqüente deslocamento da população da cidade de Jaguaribara, que foi demolida para dar lugar à barragem, para um novo espaço de habitação. Memórias da Chuva é o único longa-metragem nordestino na competição de documentários do Festival de Cinema de Gramado e será exibido na noite do dia 14 de agosto, no Palácio dos Festivais, com a presença do diretor e de parte da equipe que colaborou com a obra.

Memórias da Chuva é narrado pelo ponto de vista dos moradores da cidade e utiliza entrevistas e imagens de arquivo produzidas por eles no decorrer dos anos. O material reunido apresenta os impactos sociais, políticos, econômicos, ambientais e afetivos causados pelo ambicioso projeto governamental que, desde os anos 80, já indicava a submersão de Jaguaribara. Nessa época, os moradores se uniram na formação de uma frente de resistência para tentar impedir o projeto. A criação de uma cidade substituta, a primeira planejada do Ceará, surgiu como uma demanda dessa articulação popular, já que a proposta original previa apenas indenizar os moradores pela remoção.

O Castanhão, a Nova Jaguaribara e o canal de integração que leva água para Fortaleza começaram a ser construídos em 1995, mas foi apenas em 2001 que as pessoas foram definitivamente deslocadas para suas novas moradas. Mais de 20 anos depois, o filme desperta as memórias do povo jaguaribarense e discute a relação de pertencimento com a cidade do passado e a do presente.

Para o cineasta Wolney Oliveira, o documentário se propõe a dar voz a pessoas que dificilmente são ouvidas ou que foram ouvidas pontualmente. "Foi uma emergência e o governo teve que tomar uma decisão polêmica, como são decisões que envolvem dizimar uma cidade histórica como era Jaguaribara. A interferência na vida de mais de 9 mil pessoas teve grande repercussão na mídia local e nacional, o que me interessou como cineasta. Em 2017, o Castanhão estava com 5% de água e Fortaleza perto de um colapso, então eu montei uma equipe por conta própria e banqueei as primeiras gravações. Em 2018, o açude chegou a 2,5% e voltamos para filmar. Fiz algumas amizades lá, como o Valvernagues Almeida, um dos entrevistados, que é o Lumière da cidade. O filme aprofunda essas questões, analisa e recupera uma história que estava contada em livros e matérias de jornais, mas ainda não estava contada em um longa-metragem", diz o diretor.

A pesquisa do filme foi realizada pela cientista social Mayara Magalhães, que trabalhou de forma coletiva com os produtores para coletar os arquivos e localizar os personagens essenciais para as entrevistas. "O filme conta uma história recente, que aconteceu em um momento de fácil acesso às câmeras domésticas. Por isso, os jaguaribarense conseguiram registrar momentos importantes de forma amadora. Tinha muito material disponível, tanto de imagens quanto de pesquisas acadêmicas. O Castanhão foi muito divulgado pelo governo porque era uma grande obra não apenas pela engenhosidade, mas também pela importância de ter um açude que teoricamente acabaria com a crise de abastecimento do Ceará. A nova cidade é muito bonita e tem uma ótima estrutura, mas em algum momento tudo que tinha sido planejado para ela não deu certo porque ela não conseguiu se desenvolver e as pessoas ficaram decepcionadas", afirma a pesquisadora.

SINOPSE OFICIAL

A população de Jaguaribara, cidade do interior cearense, distante 162 km de Fortaleza, é obrigada a abandonar sua cidade para dar lugar à construção do Castanhão, açude que vai fornecer água para Fortaleza. A mudança trouxe mais perdas do que ganhos, da velha cidade só restou lembranças.



Descubra aqui as melhores atividades!
Saiba o que fazer em qualquer lugar do mundo!

clube hurb

Este projeto é apoiado pelo Edital das Artes 2016 - Secultfor

DESTAQUE



Scott Stapp inicia turnê brasileira em Fortaleza

Scott Stapp, líder da icônica banda Creed inicia a turnê brasileira de seu ... [Saber mais...]



Projeto Entrelinhas celebra a leitura como compartilhamento de afetos e fortalecimento de vínculos

Abrir um livro e receber um mundo. E Fortaleza tem novidade: o Projeto ... [Saber mais...]

NEWSLETTER

Nome

Sobrenome

Email:

CADASTRAR

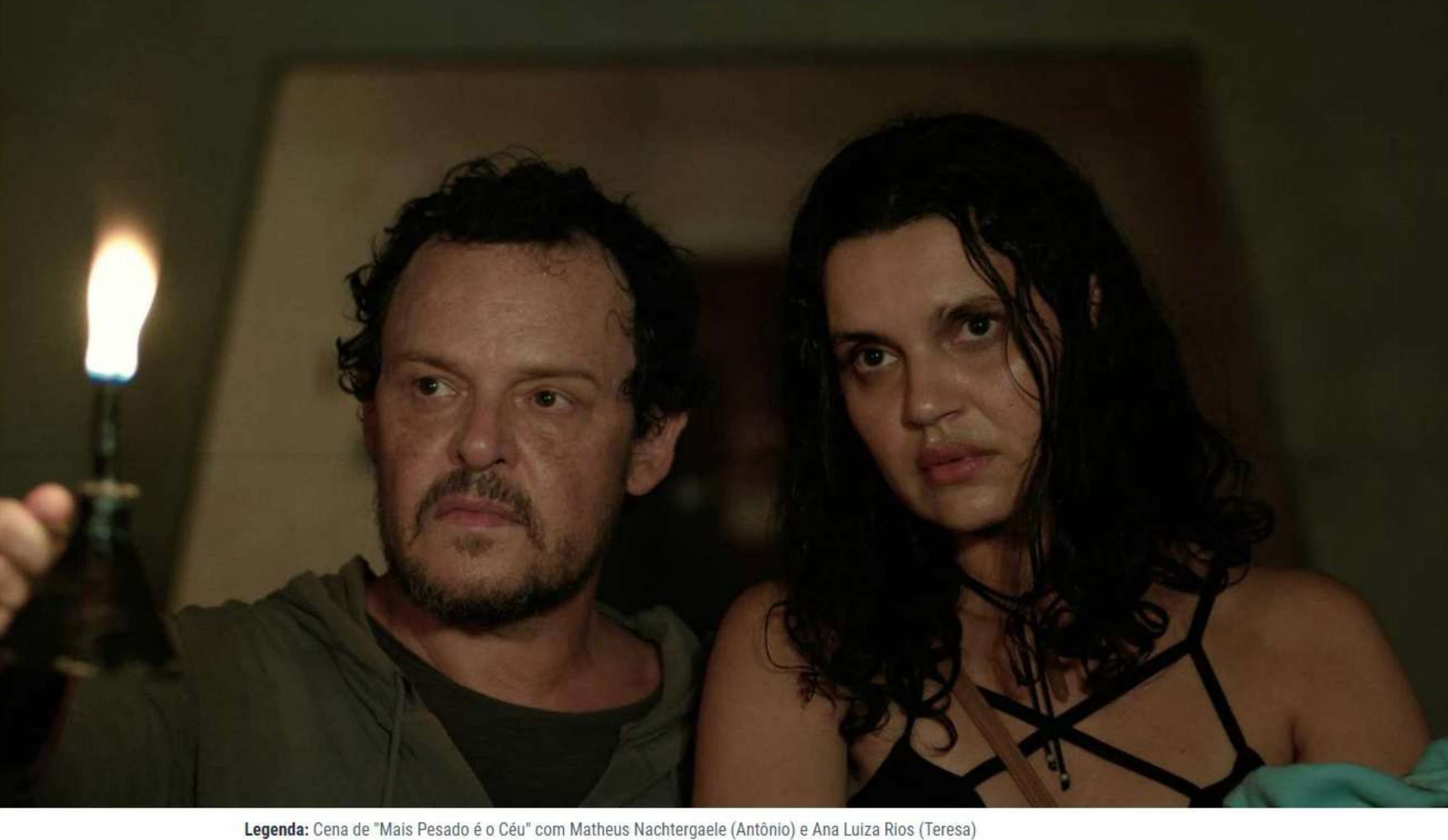
REDES SOCIAIS

Dois filmes cearenses estreiam no Festival de Gramado na disputa de prêmios

VERSO

Produções cearenses, dirigidas por Petrus Cariry e Wolney Oliveira, revelam o sertão do estado a partir das histórias em torno da criação do Açude Castanhão

Escrito por **Antonio Laudénir**, laudénir.oliveira@svm.com.br 09:25 - 14 de Agosto de 2023



Legenda: Cena de "Mais Pesado é o Céu" com Matheus Nachtergaele (Antônio) e Ana Luiza Rios (Teresa)
Foto: Divulgação

- WhatsApp
- Facebook
- Twitter
- LinkedIn

Tapete vermelho para o audiovisual brasileiro. Começou o 51º Festival de Cinema de Gramado. O Ceará volta a ser destaque nesta que é considerada uma das mais importantes premiações do País. Os filmes "Mais Pesado é o Céu" e "Memórias da Chuva", dirigidos por Petrus Cariry e Wolney Oliveira, serão exibidas ao público e jurados nesta segunda-feira (14), no Palácio dos Festivais.

Os cearenses competem, respectivamente, nas mostras "longas-metragens brasileiros" e "documentais". Mesmo pertencendo a gêneros cinematográficos diferentes, no caso, ficção e documentário, desbravam o sertão do Estado. Revelam dramas por detrás da extinção de Jaguaribara, cidade hoje submersa pelas águas da barragem do Açude Castanhão.

Em "Mais Pesado é o Céu", Antônio (Matheus Nachtergaele) e Teresa (Ana Luiza Rios) são ex moradores do lugar. Se conhecem pelo mundo e, após acolher uma criança abandonada, iniciam uma difícil jornada pelas estradas. Já "Memórias da Chuva" recupera testemunhos reais de quem sentiu na pele este acontecimento.

Dois curtas-metragens do Ceará também marcam presença na serra gaúcha. O evento conta com a VI Mostra de Filmes Universitários e participam "Artemis", de Maria Tamires e Victor Emanuel Borges (Unifor) e "Quinze Primaveras", de Leão Neto (UFC).

CEARÁ EM GRAMADO

Há poucos dias da estreia em Gramado, conversamos com os diretores de "Mais Pesado é o Céu" e "Memórias da Chuva". Petrus Cariry comenta como o tradicional festival se consolidou como um importante espaço da sétima arte. "É bom estrear em Gramado, você tem uma divulgação para mídia muito grande, toda a imprensa fica em volta. Para o filme é ótimo", detalha.

As filmagens aconteceram em 2021. Percorreu os municípios de Quixadá e Nova Jaguaribara, tendo como um dos cenários o Açude Castanhão e sua história de submersão. Sobre o fato de ter outra produção enterrada revelando este acontecimento histórico, o cineasta aponta que será enriquecedor para o público. "O documentário completará a parte histórica que a ficção não abarca. Será uma coincidência marcante", avalia Cariry.



Legenda: Registro do Açude Castanhão, no Ceará
Foto: Divulgação

Wolney Oliveira divide o quanto esta estreia em Gramado guarda enorme simbolismo. "É muito importante concluir um filme e realizar a premiere mundial num dos festivais mais prestigiados do Continente, o mais importante do Brasil", situa.

Em outro sentido, o evento possui relevância enquanto polo do mercado audiovisual do Brasil. Inúmeras entidades como Ministério da Cultura, Ancine, além de produtores e investidores se encontram nos sete dias de evento. "Fico mais feliz também por ter Petrus Cariry aqui, duas gerações do cinema cearense em Gramado", comenta.

"Filmamos durante a pandemia. Lembro que saía um carro de Fortaleza para higienizar hotel, a van da equipe. Estar hoje em Gramado é uma compensação divina", completa Wolney Oliveira.

ROAD MOVIE NO SERTÃO

Sétimo longa-metragem de Cariry, "Mais Pesado é o Céu" teve locações nos municípios de Quixadá e Nova Jaguaribara. É um dos cenários o Açude Castanhão e sua história de submersão. Fazer o trabalho no contexto pandêmico demarcou inúmeras influências na obra.



"Mais Pesado é o Céu" foi rodado no final da pandemia. É sempre um processo delicado fazer um filme nessas condições. Ainda mais durante o governo Bolsonaro, de extrema-direita. Isso se refletiu na obra de alguma forma. Trata dessas questões. Temos um casal que se encontra na estrada. Atravessando aquele cenário se deparam com um País em ruínas, dentro daquele microcosmo É uma história forte, dura, tem sua poesia. Reflete essa época, não tem como".

PETRUS CARIRY
Cineasta

O projeto é reflexo de um desejo antigo do cineasta, que já participou de dezenas de festivais nacionais e internacionais com seus filmes anteriores. "Eu sempre tive vontade de fazer um 'road movie' para explorar essa possibilidade do 'não-lugar' do asfalto e dos espaços desertos preenchidos pelo drama humano", descreve.



"Gosto muito de trabalhar com essa coisa das ruínas. De cidades que deixaram de existir", explica. Tais temas estão presentes em seus trabalhos, casos de "Mãe e Filha" (2011) e "A Praia do Fim do Mundo" (2021), este último, com previsão de chegar ao mercado exibidor em outubro deste ano.

Além de Nachtergaele e Rios, o elenco ainda traz nomes como Silvia Buarque, Danny Barbosa e Buda Lira. A produção é de Bárbara Cariry, por meio da Iluminura Filmes, e a distribuição está a cargo da Sereia Filmes. "Uma cidade que está debaixo de um açude, a população evacuada à força. A coisa física, as memórias ficam por ali. Os personagens moravam na cidade. Essa, essa memória ficou por ali, no fundo das águas", descreve Petrus Cariry.

ÁGUAS QUE MARCAM

"Memórias da Chuva" (2023) revisita a história da construção do Açude Castanhão, projetado a garantir recursos hídricos para Fortaleza (CE) e consequente deslocamento da população da cidade de Jaguaribara, demolida para dar lugar à barragem.



À época, descreve, os moradores se uniram na formação de uma frente de resistência para tentar impedir o projeto. A criação de uma cidade substituta, a primeira planejada do Ceará, surgiu como uma demanda dessa articulação popular. "O documentário organiza tudo isso. Apresenta o drama dessas pessoas", assinala o diretor.



Legenda: Registro do Açude Castanhão, no Ceará
Foto: Divulgação

20 anos depois, o filme desperta as memórias do povo jaguaribarense e discute a relação de pertencimento com a cidade do passado e a do presente. "É poder dar a estas pessoas a oportunidade de contar o que elas sofreram, passarem. Resgatar essa polêmica e os conflitos políticos e sociais que o envolvem. Uma cidade, com mais de nove mil habitantes, foi dizimada", finaliza Wolney Oliveira.

Guia de Profissões Unifor: o conteúdo que faltava para o seu sonho virar realidade. Imagem de uma mão segurando um celular com o aplicativo.

COLUNISTAS

- ANA GRASIELI LUSTOSA**
Qual a diferença entre conflitos familiares e ambiente familiar tóxico?
- ANA KARENYNA**
Dicas de decoração práticas e acessíveis para quem mora de aluguel
- DIEGO BARBOSA**
A adoção me faz ser pai de três e entrar na fila por mais um porque
- JERITZA GURGEL**
CAPTEI: Salto para o sucesso: confira o campeonato de hipismo que agitou o norte e nordeste
- JOÃO LIMA NETO**
Simaria segue longe da música após um ano de separação da irmã: 'Em busca de uma nova vida!'
- LORENA CARDOSO**
Arraiá Iracemado traz programação junina para diversos pontos da Praia de Iracema
- MILA COSTA**
Quando a gente é mãe, uma aula não é só uma aula
- MYLENA GADELHA**
'Rensga Hits', sucesso do Globoplay, faz estreia na TV aberta nesta segunda (21); ator comenta
- SILVERO PEREIRA**
Que Nordeste você vai inventar hoje?

EDIÇÃO DO DIA

Diário do Nordeste. Notícias: PF acusa Bolsonaro de ataques ao ISE; Faccão paulista compartilhava fotos de policiais penais; Processo contra Dilma é arquivado; JOGADA: Leão pode ter até cinco desfalques.

Nem tudo precisa ser difícil de escolher. Imagem de uma mão segurando um celular com o aplicativo.

Guia de Profissões Unifor: o conteúdo que faltava para o seu sonho virar realidade. Imagem de uma mão segurando um celular com o aplicativo.



Fechar Propaganda

PACCO

SURPREENDA QUEM VOCE AMA!
PRESENTEI COM UMA PACCO.

CLIQUE E COMPRE AGORA



BRASIL

Dois filmes cearenses estreiam no Festival de Gramado na disputa de prêmios

Publicado 2 semanas atrás on 14 de agosto de 2023
By Redação MaisFM



O cenário está pronto para receber o 51º Festival de Cinema de Gramado, onde o tapete vermelho brilha para iluminar o audiovisual brasileiro. O estado do Ceará novamente se destaca nessa que é uma das mais prestigiadas celebrações do cinema nacional. Os filmes “Mais Pesado é o Céu” e “Memórias da Chuva”, dirigidos por Petrus Cariry e Wolney Oliveira, ganharão a atenção do público e dos jurados nesta segunda-feira (14) no Palácio dos Festivais.

Os cineastas cearenses estão competindo, respectivamente, nas categorias de “longas-metragens brasileiros” e “documentários”. Apesar de pertencerem a gêneros cinematográficos distintos, ficção e documentário, ambos mergulham nos confins do sertão do estado. Eles trazem à luz os dramas por trás do desaparecimento de Jaguaribara, cidade que agora repousa submersa nas águas da barragem do Açude Castanhão.

Em “Mais Pesado é o Céu”, Antônio (interpretado por Matheus Nachtergaele) e Teresa (Ana Luiza Rios) são ex-moradores da localidade. Se cruzam pelo mundo e, após acolher uma criança abandonada, embarcam em uma jornada repleta de desafios pelas estradas. Enquanto isso, “Memórias da Chuva” resgata depoimentos reais de pessoas que experienciaram esse acontecimento marcante.

Do Ceará, duas curtas-metragens também marcam presença nas montanhas da serra gaúcha. O evento abrange a VI Mostra de Filmes Universitários, na qual estão inseridos “Artemis”, dirigido por Maria Tamires e Victor Emanuel Borges (Unifor), e “Quinze Primaveras”, de autoria de Leão Neto (UFC).

Post Views: 904

TÓPICOS RELACIONADOS: #CEARENSES #DISPUTA #DOIS #ESTREIAM #FESTIVAL #FILMES #GRAMADO #PRÊMIOS

NÃO PERCA

Telegram é liberado no Iraque após acusação de ameaça à segurança nacional

A SEGUIR

Al-Hilal prepara apresentação de Neymar para mais de 60 mil pessoas, diz site

Redação MaisFM



Diário

#Festival
#Gramado
#Audiovisual

VERSO

CINEMA

Ceará em destaque

Dois filmes cearenses estreiam no Festival de Gramado na disputa de prêmios. Produções dirigidas por Petrus Cariry e Wolney Oliveira, revelam o sertão do estado a partir das histórias em torno da criação do Açude Castanhão

Antonio Laudenir
laudenir.oliveira@svm.com.br

T

apete vermelho para o audiovisual brasileiro. Começou o 51º Festival de Cinema de Gramado. O Ceará volta a ser destaque nesta que é considerada uma das mais importantes premiações do País. Os filmes “Mais Pesado é o

Céu” e “Memórias da Chuva”, dirigidos por Petrus Cariry e Wolney Oliveira, serão exibidas ao público e jurados nesta segunda-feira (14), no Palácio dos Festivais.

Os cearenses competem, respectivamente, nas mostras “longas-metragens brasileiros” e “documentais”. Mesmo pertencendo a gêneros cinematográficos diferentes, no caso, ficção e documentário, desbravam o sertão do Estado. Revelam dramas por detrás da extinção de Jaguaribara, cidade hoje submersa pelas águas da barragem do Açude Castanhão.

Em “Mais Pesado é o Céu”, Antônio (Matheus Nachtergaele) e Teresa (Ana Luiza Rios) são ex moradores do lugar. Se conhecem pelo mundo e, após acolher uma criança abandonada, iniciam uma difícil jornada pelas estradas. Já “Memórias da Chuva” recupera testemunhos reais de quem sentiu na pele este acontecimento.

Dois curtas-metragens do Ceará também marcam presença na serra gaúcha. O evento conta com a VI Mostra de Filmes Universitários e participam “Artemis”, de Maria Tamires e Victor Emanuel Borges (Unifor) e “Quinze Primaveras”, de Leão Neto (UFC).

Há poucos dias da estreia em Gramado, conversamos com os diretores de “Mais Pesado é o Céu” e “Memórias da Chuva”. Petrus Cariry comenta como o tradicional festival se consolidou como um importante espaço da sétima arte. “É bom estrear em Gramado, você tem uma divulgação para mídia muito grande, toda a imprensa fica em volta. Para o filme é ótimo”, detalha.

As filmagens aconteceram em 2021. Percorreu os municípios de Quixadá e Nova Jaguaribara, tendo como um dos cenários o Açude Castanhão e sua história de submersão. Sobre o fato de ter outra produção conterrânea revelando este acontecimento histórico, o cineasta aponta que será enriquecedor para o público. “O documentário completará a parte histórica que a ficção não abarca. Será uma coincidência marcante”, devolve Cariry.

Wolney Oliveira divide o quanto esta estreia em Gramado guarda enorme simbolismo. “É muito importante concluir um filme e realizar a premiere mundial num dos festivais mais prestigiados do Continente, o mais importante do Brasil”, situa.

Em outro sentido, o evento possui relevância enquanto polo do mercado audiovisual do Brasil. Inúmeras entidades como Ministério da Cultura, Ancine, além de produtores e investidores se encontram nos sete dias de evento. Leia o conteúdo completo em diariodonordeste.verdesmares.com.br

Cena de “Mais Pesado é o Céu”

FOTO: ARQUIVO PESSOAL

A noite do Festival de Gramado em que eu vi um filme de ficção, um documentário, dois curtas e um episódio de série

Maratona durou quase seis horas e meia, contando os atrasos e protocolos



GZH EXCLUSIVO

15/08/2023 - 10h39min
Atualizada em 15/08/2023 - 11h01min

COMPARTILHE:

TICIANO OSÓRIO
[Enviar E-mail](#)



Alice Carvalho, Allan Souza Lima e Thainá Duarte são os personagens principais da série "Cangaço Novo", exibida no Festival de Gramado. CLEITON THIELE / Divulgação

Foi uma maratona a terceira noite de competição no **51º Festival de Cinema de Gramado**, nesta segunda-feira (14). Passei seis horas e 20 minutos dentro do Palácio dos Festivais, somando o atraso habitual para o início da sessão, os protocolos de apresentação, os intervalos, os comerciais dos patrocinadores (exibidos três vezes), as falas das equipes e o tempo de duração de cada atração: os curtas-metragens *Sabão Líquido* (20min55s) e *Jussara* (8min40s), o longa de ficção *Mais Pesado É o Céu* (98min), o **documentário** *Memórias da Chuva* (77min) e o primeiro episódio da série *Cangaço Novo* (51min), apresentado fora da disputa.

A epopeia começou com o bom curta gaúcho *Sabão Líquido*, de Fernanda Reis e Gabriel Faccini, que na mostra regional receberam o Prêmio Assembleia Legislativa de melhor direção. Ambos são estreantes, e a produção foi realizada com poucos recursos financeiros, mas com acertos técnicos, como a escolha dos planos e a sonoplastia, além do roteiro si.

Único representante do Estado na competição nacional, é um filme que consegue ser político e intimista ao mesmo tempo. Embora tenha sido feito anteriormente, espelha os recentes casos de **trabalho análogo à escravidão** descobertos na Serra ao contar a história de um imigrante sem nome que é trazido clandestinamente para o interior do RS, onde, alojado em um trailer no meio de uma floresta, vai fabricar sozinho sabão líquido. O personagem não demora a sentir os efeitos da solidão — e também da ascensão de Jair Bolsonaro à Presidência do Brasil.



"Sabão Líquido" (RS), curta dirigido por Fernanda Reis e Gabriel Faccini. Filme Sabão Líquido / Divulgação

O segundo título da noite foi o longa-metragem *Mais Pesado É o Céu*, do cearense Petrus Cariry, de *O Grão* (2007), *Mãe e Filha* (2011) e *A Praia do Fim do Mundo* (2021). A epígrafe escolhida pelo diretor serve de alerta para o clima opressivo e sufocante (mas jamais acelerado) da narrativa: "Vivemos submersos no fundo de um oceano de ar", do físico italiano Evangelista Torricelli (1608-1647).

Estamos no sertão do Ceará, nas proximidades da velha Jaguaribara, município que, na virada dos anos 1990 para os 2000, foi abandonado para a construção de uma represa. Às margens do açude Castanhão, Teresa (**Ana Luiza Rios, a Gilda de O Clube dos Canibais**) resolve acolher um bebê que está chorando dentro de um barco. Sua trajetória vai se cruzar com a de Antonio (**Matheus Nachtergaele, em outra grande atuação aqui em Gramado, depois de O Clube dos Anjos**), que vive de pequenos e insalubres bicos, como limpar a bosta de um caminhão transportador de vacas. "Na hora H, a gente faz o que tem de fazer e não fica choramingando", ele diz a certa altura.



Ana Luiza Rios em cena de "Mais Pesado É o Céu", filme dirigido por Petrus Cariry. Festival de Gramado / Divulgação

Esses dois personagens compartilham lembranças boas da cidade inundada, talvez o único combustível emocional para enfrentar a dureza da vida. Que é mais cruel com Teresa, ameaçada, agredida e humilhada pelos caminhoneiros a quem atende como prostituta de beira de estrada. Por falar nisso, entende-se mostrar, sem edulcoração, os perigos aos quais ela acaba se sujeitando, mas acho que o filme exagera na exposição do seu sofrimento.

Por outro lado, a direção de fotografia assinada pelo próprio Petrus Cariry é belíssima — não foi à toa que Nachtergaele, no palco do Palácio dos Festivais, disse que o cineasta é "um poeta a cada plano". A trilha sonora composta por João Victor Barroso emoldura com gravidade e imponência os quadros em movimento pintados por Cariry.

Após o primeiro intervalo, assistimos ao único curta de animação da disputa, o baiano *Jussara*, de Camila Cordeiro Ribeiro, e ao primeiro dos cinco documentários que competem pelo Kikito da categoria. Trata-se de um filme complementar a *Mais Pesado É o Céu*. Aliás, como disse um colega de imprensa sentado a meu lado, Cristiano Mentz Aquino, teria sido mais interessante ver *Memórias da Chuva*, de Wolney de Oliveira, antes da ficção de Cariry, para compreender melhor a ligação afetiva de Teresa e Antônio com Jaguaribara.



Cena do documentário "Memórias da Chuva", dirigido por Wolney de Oliveira. Festival de Gramado / Divulgação

Porque *Memórias da Chuva* reconstitui a incrível e triste história da destruição do município interiorano de 10 mil habitantes localizado a 226 quilômetros de Fortaleza. Com imagens em vídeo registradas por antigos moradores e cenas de reportagens, conhecemos o cotidiano simples, mas feliz de Jaguaribara, que foi sacudida por uma decisão muito mais política do que científica, conforme os depoimentos colhidos pelo filme. Sim, acabar ou pelo menos minimizar a seca no Nordeste sempre foi uma urgência, mas os governantes que resolveram construir o Castanhão ignoraram pareceres contrários de engenheiros.

A população se mobilizou e protestou, mas não teve sucesso. Logo todos tiveram de deixar suas casas e se mudar para Nova Jaguaribara. Uns não reclamam, pois suas vidas realmente melhoraram. Outros lamentam até hoje, e algumas famílias jamais receberam suas indenizações. A nova cidade também afastou demais os vizinhos e não prosperou.

Wolney de Oliveira é extremamente habilidoso em conjugar os aspectos mais sentimentais com uma visão macro, que inclui a discussão sobre as mudanças climáticas e o consumo de água pelas indústrias geradoras de energia. De certa forma, **segundo a ideia do curador Caio Blat de que os filmes do Festival de Gramado conversam entre si, estabelece um diálogo com Retratos Fantasma, mistura de documentário e ensaio assinada pelo pernambucano Kleber Mendonça Filho e exibido fora de competição no Palácio dos Festivais**. Esta obra também é sobre um tempo que morreu (no caso, o dos cinemas de calçada). A propósito: como vemos em uma das passagens mais marcantes e doídas de *Memórias da Chuva*, os primeiros habitantes de Nova Jaguaribara foram os mortos, cujos restos foram retirados dos túmulos e transportados em urnas para o novo cemitério.



Cena da série "Cangaço Novo", dirigida por Aly Muritiba e Fábio Mendonça. Renato Almoroso / Divulgação

Por fim, pela primeira vez na cinquentenária história do evento, o Festival de Gramado apresentou uma série: *Cangaço Novo*, produção dirigida por Aly Muritiba (dos premiados filmes *Ferrugem*, *Jesus Kiv e Deserto Particular*) e Fábio Mendonça que estreia no dia 18 de agosto no **Amazon Prime Video**. A trama escrita por Eduardo Melo e Mariana Bardan gira em torno de Ubaldo (interpretado por Allan Souza Lima), um bancário de São Paulo que acaba de ser demitido. Ele resolve viajar para o Ceará depois de descobrir, em uma carta que o pai, internado no hospital, havia escondido, que tem direito a uma herança. No sertão, descobre que também tem duas irmãs: a agricultora Dilvânia (Thainá Duarte), que o recebe com um misto de espanto e carinho, e a bandida Dinorah (Alice Carvalho), que o repele.

O trio de atores está muito bem, especialmente Carvalho, bem definida como uma "força da natureza" por Malu Miranda, chefe da divisão do conteúdo original brasileiro do Amazon Miradins, presente no Palácio dos Festivais. Mas seus personagens não me comoveram, não me motivaram a acompanhar a série, que parece ser apenas mais uma das tantas histórias de ladrões que pululam no streaming, com a diferença do cenário e do sotaque nordestinos. Confesso a vocês que só não peguei no sono por causa da música alta, dos gritos e do barulho de socos e tiros.

COMPARTILHE:

<https://leilasso.net/hw9j/> **COPIAR**

[Ler outra URL](#)



Festivais, Mostras e Eventos Notícias Slideshow Últimas Notícias

“Noite cearense” de Gramado revela perdas afetivas e materiais de Jaguaribara, cidade submersa

📅 15 de agosto de 2023 👤 Maria do Rosário Caetano 💬 1 Comentário 📍 Festival de Cinema de Gramado, Mais Pesado é o Céu, Memórias da Chuva, Petrus Cariry, Wolney Oliveira

Foto: Elenco do longa-metragem “Mais Pesado é o Céu” © Ticiane da Silva/Agência Pressphoto

Por Maria do Rosário Caetano, de Gramado-RS

Dois filmes vindos do Ceará, ambos ambientados nas cercanias de cidade submersa, marcaram a terceira noite da mostra competitiva do Festival de Cinema de Gramado. A cidade se chamava Jaguaribara e foi engolida pelas águas da represa do Castanhão, responsável pelo abastecimento hídrico de Fortaleza (e do Polo Industrial de Pecém).

O primeiro filme – “Mais Pesado é o Céu”, de Petrus Cariry – é uma ficção protagonizada por dois seres errantes, Teresa (Ana Luiza Rios) e Antônio (Matheus Nachtergaele). E por um bebê, vítima de abandono, encontrado num barco.

O segundo – “Memórias da Chuva”, de Wolney Oliveira – é um documentário sobre as perdas afetivas e materiais dos jaguaribaras, que viram as águas do Castanhão cobrirem suas casas, igreja, cemitério e escolas.

“Mais Pesado é o Céu”, nono longa-metragem do diretor, roteirista e fotógrafo Petrus Cariry, teve recepção gélida por parte do público, que lotou o Palácio dos Festivais. O mesmo público que recebera, efusivamente, a equipe, composta pelo diretor, pela produtora Bárbara Cariry e elenco (além de Matheus Nachtergaele e Ana Luiza Rios, subiram ao palco Sílvia Buarque, que interpreta dona de casa de boa índole, e Buda Lira, um caminhoneiro, também de afabilidade a se notar).

E por que razão o público reagiu com frieza glacial?

Porque Petrus Cariry construiu o mais inesperado e desconcertante desfecho da história do cinema brasileiro. Que não será aqui revelado, mas que deixou a plateia atônita, sem chão e muda.

O novo filme de Petrus Cariry constrói-se como narrativa realista, nos moldes de seu premiado e tocante “O Grão” (2007), que marcou sua estreia no formato. Na viagem de regresso de Antônio à terra natal, depois de temporada como biscate em solo paulistano, ele se dispõe a limpar bosta de vaca na carroceria do caminhão cujo motorista lhe dera carona.

Em determinado momento, enquanto procura Nova Jaguaribara, Antônio encontrará Teresa, também uma desterrada (da mesma cidade). Ela carrega uma criança no colo. Ambos não têm dinheiro para nada. Nem para comprar leite para a criança, que ele julga ser filho dela.

A dupla improvável encontrará algum suporte na solitária personagem de Sílvia Buarque, que os encaminhará a uma casa abandonada. Para conseguir algum dinheiro, Teresa se prostitui na estrada. Antônio, com o bebê no colo, pede esmolas na mesma rodovia.

O público é induzido a acreditar que aquelas duas “vidas secas” construirão laços de afeto, tendo o “filho” (aliás, um bebê cativante e fotogênico) como força motivadora. Teresa, que vende o corpo a brutos caminhoneiros, encontrará numa vendedora de pequeno comércio (a atriz transexual paraibana Danny Barbosa) uma voz amiga.

O desfecho de “Mais Pesado é o Céu” pareceu, a muitos de seus espectadores, despropositado. Os diálogos (ainda que duros e sintéticos), os perfis psicológicos e afetivos dos protagonistas e a presença da criança apontavam para final em aberto ou menos trágico. Mas Petrus, como anunciara na apresentação do filme, quis realizar um retrato do Brasil que ambienta o filme: o da era Bolsonaro (e da pandemia). Quis entender por que um povo, tido como gentil, cordial e hospitaleiro, escolheu para representá-lo, na presidência da República, um líder da extrema-direita.

“Memórias da Chuva” se passa em outro registro: o da cumplicidade do diretor Wolney Oliveira com as histórias e vidas afetivas de seus personagens, os desterrados da inundação da mesma Jaguaribara.

A cidade, situada a 162 Km de Fortaleza, foi devorada pelas águas e recriada, artificialmente, em região próxima e com o mesmo nome. Aliás, referendado por plebiscito que recusou a proposta de “Tassilândia” (homenagem ao então governador Tasso Jereissati, visto no filme, assim como o então presidente FHC).

Wolney alterna imagens de arquivo – registradas por câmaras de televisão e, por isso, sem as qualidades dos planos aéreos contemporâneos, de grande beleza – que dão voz aos desterrados. No melhor momento do documentário, o cineasta ouve cientistas sociais e ecológicos, que explicam “o fracasso” da represa (ou super-açude) do Castanhão. Hoje, ele não lembra a aparente potência de outrora. Com baixa capacidade de abastecimento hídrico, não pode mais esconder os vestígios do que restou da velha Jaguaribara. E, devido à falta de chuvas – somada à reduzida profundidade da represa – a Natureza cobra seu preço. Sem a profundidade necessária, a água evapora.

“Memórias da Chuva” – assim como “Soldados da Borracha”, o documentário anterior de Wolney, premiado com a Margarids de Prata da CNBB – poderia ter se aprofundado mais nas causas do desastre anunciado. Ou deixado o espectador sob o impacto das ideias dos cientistas que questionavam a obra do Castanhão. Estes defendiam a criação de vários açudes em trechos diversos do rio. E não a imensa (embora rasa) represa.

O final do filme, em postura oposta à da ficção de Petrus Cariry, volta a dar voz (em tom de lamento) aos desterrados, que revisitam as ruínas de Jaguaribara e buscam vestígios de suas casas, comércios, escolas e da igreja matriz. Que nem sabiam que era “tombada pelo patrimônio histórico”.



Wolney Oliveira e equipe de “Memórias da Chuva” © Cleiton Thiele/Agência Pressphoto

Dois curtas-metragens, um gaúcho e um baiano, completaram a “Noite Cearense” do Festival de Gramado. O primeiro, “Sabão Líquido”, de Fernanda Reis e Gabriel Faccini, já causara boa impressão no Gauchão, mostra competitiva de curtas patrocinada pela Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul.

Dedicado ao mundo do trabalho, o único filme “kenloachiano” das duas competições (a gaúcha e a brasileira), rendeu o Prêmio Assembleia Legislativa a seus dois realizadores (melhor direção). Mas a dupla perdeu o troféu principal para “Concha de Água Doce”, filme de perfil identitário, força em alta nas cinematografias planetárias.

O curta-metragem de Fernanda e Gabriel é de excelente qualidade estética e temática. Um trabalhador negro (colombiano? venezuelano?), de longos cabelos presos num rabo de cavalo, é alojado por atravessador (um “gato”) no meio da mata. Lá deverá falsificar produto de limpeza e proteger-se de ladrões, municiado com arma de fogo que lhe chegara junto aos ingredientes do sabão líquido.

O que acontecerá em seguida soma o íntimo ao épico. O roteiro e o desfecho são primorosos. Em poderosos 20 minutos, a dupla de diretores revela a complexa face do Brasil e de seus trabalhadores, outrora integrantes do proletariado e, agora, do “precariado”. Forte concorrente ao Kikito.

O baiano “Jussara”, de Camila Cordeiro Ribeiro, é a única animação selecionada para a mostra nacional de curtas. Sua protagonista é uma senhora negra, que guarda a memória de seu vilarejo. Contadora de histórias, ela espalha conhecimento entre todos. O desenho é bonito e, mesmo sem palavras (o pouco que se ouve é uma espécie de “fonemol”), e em menos de nove minutos, dá seu valioso recado.

Últimas Notícias

Curta Kinoforum destaca cinemas indígenas brasileiros e filmes de Godard e Zé Celso

Curta Jovem recebe inscrições para oficinas gratuitas de cinema

Carolina Markowicz é a primeira brasileira a receber o Tribute Award no Festival de Toronto

Noite do Troféu Grande Otelo homenageia Vladimir Carvalho e premia o melhor do cinema brasileiro

Prêmio CORA, que incentiva produção audiovisual feminina no centro-oeste, tem inscrições abertas

Elenco de “Beleza Fatal”, novela original da HBO Max, se reúne para a primeira leitura de roteiro

Primeira edição do Expocine Decupa está com inscrições abertas

Inscrições abertas para o festival de animação Lanterna Mágica



Bilheteria brasileira

TOP 10 - acumulado até 20/08

	Filme	Público
1	Barbie	10,75 mi
2	Elementos	4,04 mi
3	Oppenheimer	2,72 mi
4	Missão: Impossível – Acerto De Contas Parte Um	1,88 mi
5	Megatubarão 2	1,08 mi
6	Besouro Azul	509,31 mil
7	Fale Comigo	232,01 mil
8	Gatos no Museu	63,96 mil
9	Gran Turismo – De Jogador a Corredor	8,81 mil
10	Metallica M72 World Tour Live from TX #1	5,04 mil

Início > Newsletter (Tela Viva) > Diretor do Cine Ceará, Wolney Oliveira estreia seu quinto documentário no Festival...

FESTIVAL DE GRAMADO

Diretor do Cine Ceará, Wolney Oliveira estreia seu quinto documentário no Festival de Gramado

Por Mariana Toledo - 15 de agosto de 2023. Atualizado em 15 de agosto de 2023



O montador Tiago Therrien, o diretor Wolney Oliveira e a pesquisadora Mayara Magalhães (Foto: Matheus Zanchet/ Agência Pressphoto)

O documentário "Memórias da Chuva", com direção de Wolney Oliveira, foi exibido na noite da última segunda-feira, dia 14 de agosto, no Festival de Cinema de Gramado, como parte da mostra competitiva de longas-metragens documentais do evento. O filme fala sobre a população de Jaguaribara, cidade do interior cearense, distante 162 quilômetros de Fortaleza, que foi obrigada a abandonar sua cidade para dar lugar à construção do Castanhão, açude que forneceria água para Fortaleza. A mudança trouxe mais perdas do que ganhos e, da velha cidade, só restaram as lembranças.

"Sempre me interessei por contar histórias não contadas, apesar de que, no caso do 'Memórias da Chuva', era uma história que muita gente já conhecia pelo absurdo que foi – saiu na mídia e alguns curtas a respeito foram produzidos, por exemplo. Eles optaram por destruir uma cidade quando existia uma outra possibilidade que a poupava. Em 2000, pouco antes da cidade ser demolida, minha ex-companheira (Margarita Hernández), que divide o roteiro comigo, tinha ido até lá filmar. Em 2017, Fortaleza já estava entrando em colapso, e o Castanhão tinha apenas 5% de água. Então decidi fazer o filme e bancá-lo, pois me considero um investidor de cinema no sentido de investir em boas histórias. Mais pra frente, ganhamos um edital da Lei Aldir Blanc – que no caso do Ceará, era um edital bem legal, que ajudou a financiar a produção de 17 longas, o meu entre eles", contou o diretor em coletiva de imprensa realizada nesta terça, 15, em Gramado. Ainda sobre o orçamento, ele afirmou ter sido de R\$ 800 mil.

Oliveira, que é diretor do Festival Cine Ceará, que realiza mais uma edição entre os meses de novembro e dezembro deste ano, ainda analisou: "Para mim, um cinema que não te faz rir, chorar, se arrepiar ou se incomodar, não é cinema. Isso foi uma das coisas que mais me atraiu nessa história, o fato de ela ser tão incômoda. E sempre gosto de devolver o que estou pedindo emprestado de um tema, por isso estamos preparando uma exibição desse filme em praça pública, além do Cine Ceará, e estou curioso para ver a reação do público quando exibirmos lá".

E falando sobre a população local, a pesquisadora do documentário, Mayara Magalhães, afirmou que o projeto foi um trabalho coletivo, porque os próprios jaguaribarenses constituíram e montaram um acervo riquíssimo, que gentilmente cederam para a realização do filme. "Quando a gente fez as duas primeiras viagens, em 2017 e 2018, preparei esse material. Como é um fenômeno relativamente recente, era tudo acessível. Consultei trabalhos acadêmicos e matérias jornalísticas da época, entre outras coisas que os moradores mostraram. Quando veio o financiamento da lei, conseguimos avançar", lembrou.

O diretor de fotografia Rogerio Resende acrescentou: "Cinema documentário é a oportunidade de garimpar e contar histórias. Mas a fotografia num filme como esse é uma coisa muito complexa – você não consegue traçar uma estratégia ou um pano estético. As coisas vão acontecendo, a história vai se criando. Minha missão foi colocar na tela a emoção que eu sentia filmando e mostrar a grandeza das pessoas que apareciam ali".

Por fim, Oliveira disse que, como Eduardo Coutinho, que tem como uma grande referência, gosta de "interferir e provocar" com os seus filmes. Nesse sentido, ele aproveitou para anunciar seu sexto longa-metragem: "Lampião, Governador do Sertão", que já está finalizado.

A melhor escolha em plataforma de TV Streaming para provedores
ole.tv.br ☎ (48) 4042-6262

OCELA
SPEEDTEST

É MULTICAMPEÃ:
Claró
DENTRO E FORA DE CASA.

SAIBA MAIS

INTELSAT
Amplie seu alcance na América Latina
Baixe o e-book

GRUPO **curta!** E SUAS MARCAS
PORTACURTAS
desde 2002

UM novo canal COM MUITO MAIS DO QUE FINAIS FELIZES
TNT
NOVELAS
Você vai amar

Implante a ferramenta de monetização de conteúdo mais difundida mundialmente.

Gramado 2023: Um noite cearense



BLOG

Luiz Zanin

Cinema, cultura & afins

Veja mais sobre quem faz



Por Luiz Zanin Oricchio
16/08/2023 | 14h02

🕒 3 min de leitura



GRAMADO - A ficção Mais Pesado que o Céu e o documentário Memórias da Chuva compuseram uma noite cearense no Festival de Gramado. Não apenas vêm do mesmo Estado, mas da mesma região - a da cidade de Jaguaribara, engolida pelas águas da represa do Castanhão.

Na ficção, longa assinado por Petrus Cariry, temos em cena dois seres errantes - Tereza (Ana Luiza Rios), que carrega um bebê nos braços. E Antonio de Lucena (Matheus Nachtergaele) que pede carona para alcançar o Maranhão e se reunir a um amigo num mirabolante negócio de caranguejos. Acabam reunindo as duas caminhadas e alcançam uma espécie de bar comandado por uma figura benigna interpretada por Sílvia Buarque.

O filme tem a excelência visual conhecida de Petrus Cariry, que além de dirigir assume a direção de fotografia. O elenco é de primeira. E a história deslança bem, com cenas pontuais marcantes da dupla protagonista. Fazem o que podem para sobreviver no ambiente hostil onde não existe um trabalho decente e minimamente remunerado. A cidade engolida pelas águas é apenas uma lembrança de tempos melhores. A realidade agora é outra, e muito mais dura.

Optando por um recorte realista, porém pontuado de momentos poéticos, o filme se encaminha para um desfecho duro, mas que, mesmo assim, acaba surpreendendo o público por sua crueza e intensidade. A reação, no cinema, foi de espanto. E explica a reação gélida dirigida à obra.

Cabe uma pergunta. O artista é obrigado a agradar ao público? Não, claro que não. Mas também o público não é obrigado a agradar ao artista. Como dizia um famoso produtor ao cineasta italiano Federico Fellini: "Pelo amor de Deus, ponha um pouco de esperança em seu final, ao menos um raiozinho de sol." Aqui a opção foi outra. Escuro total. Respeita-se, mas quem escolhe a via áspera paga pela opção.

Documentário. Já Memórias da Chuva, de Wolney Oliveira, conta exatamente a história da inundação de Jaguaribara para a construção da represa de Castanhão. Traz depoimento das pessoas que perderam suas casas e suas referências. Até mesmo os mortos, que descansavam no cemitério que iria ser alagado foram transportados para um novo campo santo, a ser anexado à nova cidade que substitui a que vai desaparecer sob as águas.

O filme é muito bem documentado e conta uma história que nem todos conhecem, sobretudo nas outras regiões do país. Põe em evidência os custos humanos de uma obra de grande porte. Mesmo quando as pessoas são ressarcidas de suas perdas materiais, ganhando casas novas e até maiores do que as que tinham, nunca é a mesma coisa.

E assim, a utopia da Nova Jaguaribara logo mostra suas fraturas. Um modo de vida desaparece; a antiga intimidade entre vizinhos já não é a mesma. A cidade projetada não oferece o mesmo ambiente de sociabilidade. Ela é maior. Estende-se em várias direções. Já é mais difícil de ser percorrida a pé. Não há emprego, a população não aumenta na medida que esperava o prefeito.

E então vem o mais dramático - o imenso reservatório, que iria abastecer Fortaleza e outras regiões, revela-se um fiasco. Não suporta as secas e vai perdendo nível. Pessoas que viviam da pesca ficam sem modo de ganhar a vida. A utopia da água farta esgota-se. Tudo vai secando e se transformando num fio d'água.

Um fenômeno é registrado. As pessoas vão para lá nos fins de semana, e buscam pelos restos da cidade afundada, agora exumados pela seca. Vêem os restos da Igreja e outros pontos simbólicos da cidade, como escolas. Em especial, buscam vestígios de suas antigas moradias, onde, dizem, foram felizes em algum lugar do passado.

Engenheiros não medem custos humanos das obras. Cineastas se obrigam a fazê-lo.



Documentário brasileiro tem destaque em mostra dedicada ao gênero em Gramado

agosto 16, 2023

Facebook

Twitter

WhatsApp

Telegram

Por **Bertrand Lira**

A curadoria do 51º Festival de Cinema de Gramado, com a coordenação do professor Marcos Santuário, agregou qualidade à programação do festival ao dedicar um mostra exclusiva ao documentário de longa-metragem, a única no Brasil dentro de um festival de cinema que abraça todos os gêneros. A Mostra 'Longas-metragens documentais', com cinco obras, teve início nesse dia 14, com o doc 'Memórias da Chuva' (2022, 76'18", CE) do cearense Wolney Oliveira, cineasta e coordenador do festival Cine Ceará.

'Memórias da Chuva' trata do drama da população de Jaguaribara forçada a deixar suas casas para habitar uma nova cidade construída para receber seus moradores por conta da construção de um grande açude que fornecerá água para a capital Fortaleza. Usando imagens de um documentário realizado no momento da desocupação e produzindo novas imagens com entrevistas de alguns personagens que retornam à extinta cidade, Wolney constrói uma emocionante narrativa sobre o sofrimento frente a impotência de um povo, apesar da resistência ao fatídico destino.

O documentário brasileiro, antes relegado a espaços restritos como cinematecas, museus, e mostras especiais, agora entra em salas comerciais mesmo que timidamente e compete em festivais e mostras, às vezes em pé de igualdade com os filmes de ficção. São muito poucos os festivais dedicados exclusivamente aos filmes de não ficção, a exemplo do 'É tudo verdade'. Por isso, Gramado acerta em cheio ao criar um mostra exclusiva para o gênero.

Além de 'Memórias da Chuva', o público do festival de Gramado pode conferir nessa terça mais um exemplar da produção brasileira contemporânea do documentário que coloca o país como uma referência mundial no gênero. 'Da porta para fora', de Thiago Foresti (DF, 2022, 84'15") sobre o trabalho arriscado e precarizado de três entregadores de aplicativos durante a pandemia enquanto a população confinada em suas casas se protegia do vírus.

Hoje, quinta-feira, 16, será a vez do documentário biográfico 'Roberto Farias – Memórias de um cineasta', de Marise Farias (RJ, 2023, 78 min), filha caçula de um dos diretores mais produtivos do cinema brasileiro, e que traz seu irmão Reginaldo Farias interpretando textos de um livro de memórias inédito. Outro documentário biográfico é 'Luis Fernando Veríssimo – o filme', de Luzimar Stricher (RS, 2023, 119'40"), o maior cronista brasileiro e seu caráter único e criativo.

E, finalmente, 'Anhangabaú', de Lufe Bollini (SP, 2023, 87min), que trata dos conflitos por ocupação de territórios envolvendo a comunidade indígena Guarani Mbya e o Grupo Teatro Oficina que enfrentam interesses diversos de grupos poderosos no lugar conhecido como Vale do Anhangabaú. Que os demais festivais usem Gramado como espelho. O documentário é um gênero que tem se inovado ao longo das últimas décadas e ocupando seu merecido espaço.

Tags

Leia tudo sobre o tema e siga

51º Festival de Cinema de Gramado

cinema

documentário

Documentário brasileiro

festival de cinema de gramado

MAIS LIDAS





Artigos Entrevistas Festivals Vídeos · 1 minuto de leitura

Memórias da Chuva: Entrevista com Wolney Oliveira

f COMPARTILHAR

TWEET



Bruno Carmelo

Em 2001, a cidade de Jaguaribara, no Ceará, desapareceu. Por ordem do governo local, foi evacuada, e então inundada para a construção de uma represa, o Castanhão. Os moradores tiveram que abandonar as terras onde sempre viveram, e se mudaram para a Nova Jaguaribara, construída a 60 km da localização inicial.

Mas como preservar as memórias dos habitantes? O valor cultural, artístico, afetivo de um município? O documentário [Memórias da Chuva](#), de Wolney Oliveira, explora este episódio. Ele utiliza uma rica coleção de materiais de arquivo, incluindo registros efetuados pelos próprios moradores, quando souberam que a cidade desapareceria.

Durante o [51º Festival de Gramado](#), quando o longa-metragem foi apresentado na mostra nacional de documentários, o cineasta conversou com o Meio Amargo:



f COMPARTILHAR

TWEET

Artigos Festivais Opinião · 5 minutos de leitura

Festival de Gramado: Imaginários do sertão (Dia 3)

COMPARTILHAR

TWEET



Bruno Carmelo

Após a noite de obras mineiras, voltadas à cultura e à preservação do patrimônio, o 51º Festival de Cinema de Gramado teve uma terceira noite de mostras competitivas marcada por longas e curtas-metragens que exploram um novo imaginário do sertão. Este espaço, que já foi romantizado e idealizado ao longo de décadas de filmografia brasileira, e então minimizado pela atual geração em prol de espaços urbanos, teve uma noite de diálogos férteis.

O longa-metragem **Mais Pesado É o Céu**, de Petrus Cariry, imagina duas pessoas miseráveis numa paisagem infinita e sem escapatórias. Antônio (Matheus Nachtergaele) está em deslocamento entre diferentes estados brasileiros. Não possui familiares, amores, nem qualquer tipo de amarra em cidade alguma. Declara a intenção de enriquecer com a criação de caranguejos, mas sua fala possui pouca firmeza. Teresa (Ana Luiza Rios) também retorna a Jaguaribara (CE), onde nasceu, em busca de algo que lhe dê sentido. O destino a presenteia com um bebê abandonado pelo caminho. Ela o toma por seu, afirmando publicamente ser a mãe do menino.

A premissa parte, portanto, do realismo fantástico. Apesar da estrutura clássica de um drama de personagens, com aceno ao romance redentor, o cinema de gênero paira no horizonte: a fantasia, decorrente da figura do bebê e dos encontros improváveis (a união conveniente entre os dois, formando uma “família tradicional” de pai, mãe e filho, mesmo que simbólica), e o suspense com toques de terror, pela insistência na presença de um assassino em série rondando a região. O roteiro insiste que ambos podem encontrar o amor ou a morte a qualquer instante — tanto o final feliz quanto o desfecho trágico se anunciam no horizonte.



Mais Pesado É o Céu, de Petrus Cariry

Esta indefinição de tons e propósitos prejudica o resultado. As falas um tanto explicativas, antecipando a aproximação dos dois (em especial da boca de Fátima, a amiga e ajudante) se misturam a diálogos pouco comuns no registro oral, quando Teresa confessa que “prosperidade” não faz parte de seu vocabulário, por exemplo. Estas investidas seriam pertinentes numa obra assumidamente antinaturalista, no entanto, Petrus Cariry ainda apoia sua narrativa nas ferramentas do realismo social.

Já Antônio soa ora passivo demais, ora um tanto vazio em cena, sem desejos ou propósitos definidos para guiá-lo. Até por isso, a forte cena de conclusão soa incompatível com a descrição do personagem até então. Caso a reviravolta do desfecho ocorresse no meio da trama, e as imagens seguissem a consequência dos atos na vida da dupla, talvez se compreendesse melhor o casamento entre o melodrama e o cinema de gênero. Na última cena se encontra a força que se esperava da obra composta por pequenas sugestões. Quem dera a mesma verve houvesse contaminado a trama adocicada sobre a redenção da miséria pelo afeto.

Jaguaribara também constitui o cenário central de **Memórias da Chuva**, de Wolney Oliveira. O documentário retrata a história desta cearense, evacuada e inundada para a construção do Açude Castanhão. Mas como um governo pode decretar a morte de um município? Como lidar com a memória afetiva, e também o direito patrimonial, de milhares de pessoas criadas neste território há gerações? O projeto une o humanismo à denúncia contra as políticas eleitoreiras que, no final, pouco contribuíram ao desenvolvimento da região.



O filme se apoia em vasto material de arquivo, em especial aquele filmado pelos próprios habitantes, quando se confirmaram os planos da barragem. Passaram então a registrar a sua vida, no intuito de immortalizarem os cidadãos e seus costumes às novas gerações. O diretor busca os personagens de vinte anos atrás para confrontar as esperanças de antes à reflexão crítica e distanciada de hoje. Eles combinam, assim, as emoções, o engajamento pelas indenizações e o questionamento a respeito do direito à memória. [Leia a nossa crítica.](#)

É interessante pensar que, caso os programadores tivessem invertido a ordem das sessões (primeiro o documentário, depois a ficção), talvez olhássemos para a Jaguaribara de Cariry com outros olhos, além de uma carga afetiva suplementar. De qualquer modo, formam uma rara e excelente sessão dupla: quantas vezes se tem o privilégio de assistir a uma ficção e um documentário situados no mesmo cenário, a partir de uma única tragédia ecológica e social?

A exploração dos corpos e dos trabalhadores também se transmite em **Sabão Líquido**, curta-metragem gaúcho de Fernanda Reis e Gabriel Faccini. Os diretores acompanham alguns dias na vida de um jovem estrangeiro, trazido ilegalmente ao sul do Brasil para fazer sabão líquido em meio à floresta. O roteiro questiona o trabalho análogo à escravidão e a rede responsável por sustentá-lo, desde os atravessadores até os consumidores do produto falsificado.



Sabão Líquido, de Fernanda Reis e Gabriel Faccini

O que mais impressiona na iniciativa é a atenção ao tempo e ao cotidiano. Nota-se uma rara e bem-vinda disposição a acompanhar o dia a dia do homem silencioso lavando as roupas, dançando ao som de uma música na rádio, limpando o trailer onde permanece, e trabalhando na fabricação do produto. Os autores oferecem uma observação atenta, em bom ritmo, evitando qualquer senso de espetáculo diante da dor deste homem. Ele nunca será tratado como pobre vitimado, herói de uma causa. Resta praticamente anônimo, do início ao fim.

No entanto, é justamente no final que a jornada se enfraquece. O realismo cede espaço a um desfecho acessório e exemplar, quando o rapaz apenas parte quando deseja, na hora que lhe convém, sem prestar contas do trabalho, nem encerrar mais uma vez os “patrões”. Fica a estranha impressão de que o ofício ilegal constitua mero recurso, do qual ele podia sair quando lhe desse vontade — algo muito diferente da prática real do trabalho escravo. A decisão de terminar o curta-metragem no percurso do sabão, ao invés do protagonista, favorece o cinismo (vide a menção explícita à chegada do bolsonarismo), mas perde em humanismo.

Talvez o principal questionamento da noite diga respeito ao retrato do sofrimento e da miséria alheia. Para não explorar a dor dos outros, nem oferecê-la como direção ao espectador, alguns criadores terminam por elaborar obras doces e romantizadas, como se a pobreza pudesse ser superada pelo amor (**Mais Pesado É o Céu**), pela vontade própria, em chave meritocrática (**Sabão Líquido**) ou pela educação transformadora (caso da animação **Jussara**, tão bela quanto inocente). Haveria maneiras interessantes de representar uma situação violenta sem abdicar da poesia, nem da leveza tão procurada por estes autores.

COMPARTILHAR

TWEET



Gramado 2023 (6): Ficção e documentário cearenses



17 DE AGOSTO DE 2023 - LUIZ FERNANDO ZANIN ORICCHIO

GRAMADO – A ficção Mais Pesado que o Céu e o documentário Memórias da Chuva compuseram uma noite cearense no Festival de Gramado. Não apenas vêm do mesmo Estado, mas da mesma região – a da cidade de Jaguaribara, engolida pelas águas da represa do Castanhão.

Na ficção, longa assinado por Petrus Cariry, temos em cena dois seres errantes – Tereza (Ana Luiza Rios), que carrega um bebê nos braços. E Antonio de Lucena (Matheus Nachtergaele) que pede carona para alcançar o Maranhão e se reunir a um amigo num mirabolante negócio de carangueijos. Acabam reunindo as duas caminhadas e alcançam uma espécie de bar comandado por uma figura benigna interpretada por Sílvia Buarque.

O filme tem a excelência visual conhecida de Petrus Cariry, que além de dirigir assume a direção de fotografia. O elenco é de primeira. E a história deslancha bem, com cenas pontuais marcantes da dupla protagonista. Fazem o que podem para sobreviver no ambiente hostil onde não existe um trabalho decente e minimamente remunerado. A cidade engolida pelas águas é apenas uma lembrança de tempos melhores. A realidade agora é outra, e muito mais dura.

Optando por um recorte realista, porém pontuado de momentos poéticos, o filme se encaminha para um desfecho duro, mas que, mesmo assim, acaba surpreendendo o público por sua crueza e intensidade. A reação, no cinema, foi de espanto. E explica a reação gélida dirigida à obra.

Cabe uma pergunta. O artista é obrigado a agradar ao público? Não, claro que não. Mas também o público não é obrigado a agradar ao artista. Como dizia um famoso produtor ao cineasta italiano Federico Fellini: "Pelo amor de Deus, ponha um pouco de esperança em seu final, ao menos um raiozinho de sol." Aqui a opção foi outra. Escuro total. Respeita-se, mas quem escolhe a via áspera paga pela opção.

Documentário. Já Memórias da Chuva, de Wolney Oliveira, conta exatamente a história da inundação de Jaguaribara para a construção da represa de Castanhão. Traz depoimento das pessoas que perderam suas casas e suas referências. Até mesmo os mortos, que descansavam no cemitério que iria ser alagado foram transportados para um novo campo santo, a ser anexado à nova cidade que substitui a que vai desaparecer sob as águas.

O filme é muito bem documentado e conta uma história que nem todos conhecem, sobretudo nas outras regiões do país. Põe em evidência os custos humanos de uma obra de grande porte. Mesmo quando as pessoas são ressarcidas de suas perdas materiais, ganhando casas novas e até maiores do que as que tinham, nunca é a mesma coisa.

E assim, a utopia da Nova Jaguaribara logo mostra suas fraturas. Um modo de vida desaparece; a antiga intimidade entre vizinhos já não é a mesma. A cidade projetada não oferece o mesmo ambiente de sociabilidade. Ela é maior. Estende-se em várias direções. Já é mais difícil de ser percorrida a pé. Não há emprego, a população não aumenta na medida que esperava o prefeito.

E então vem o mais dramático – o imenso reservatório, que iria abastecer Fortaleza e outras regiões, revela-se um fiasco. Não suporta as secas e vai perdendo nível. Pessoas que viviam da pesca ficam sem modo de ganhar a vida. A utopia da água farta esgota-se. Tudo vai secando e se transformando num fio d'água.

Um fenômeno é registrado. As pessoas vão para lá nos fins de semana, e buscam pelos restos da cidade afundada, agora exumados pela seca. Vêm os restos da Igreja e outros pontos simbólicos da cidade, como escolas. Em especial, buscam vestígios de suas antigas moradias, onde, dizem, foram felizes em algum lugar do passado.

Engenheiros não medem custos humanos das obras. Cineastas se obrigam a fazê-lo.

Seguir blog via email

Digite seu endereço de email para acompanhar esse blog e receber notificações de novos posts por email.

Receba notificação de postagem

Junte-se a 5.227 outros assinantes

agosto de 2023

O Acidente 25 de agosto de 2023

Retratos fantasmas entra em cartaz 24 de agosto de 2023

Gramado 2023 (9): 'Mussum – o Films' é o grande vencedor do festival 20 de agosto de 2023

Cinema na TVT: Gramado 2023 entra na reta final 19 de agosto de 2023

Gramado 2023 (8): A família feliz, mas talvez não muito... 17 de agosto de 2023

Gramado 2023 (7): Um barulho da noite que vem do Tocantins 17 de agosto de 2023



Luiz Fernando Zanin... em A arte da crítica (37): As rea...



Cláudia Mogadouro em A arte da crítica (37): As rea...



carmattos em A arte da crítica (36): o estr...



Luiz Fernando Zanin... em A arte da crítica (36): o estr...



carmattos em A arte da crítica (36): o estr...

Temas

Selecionar categoria ▾

Arquivo do site

Selecionar o mês ▾

Seguir Cinema, Cultura & Afins

Posts Recentes de A arte da crítica, por Luiz Zanin: A arte da crítica, por Luiz Zanin

tanto conflituosas. Nem poderia ser diferente já que, em alguma medida, ao comentar alguma obra de arte, podemos ser analíticos, "neutros", ou o [...]

A arte da crítica (36): o estranho, ou o sentimento de não estar de todo

A arte da crítica (36): o estranho, ou o sentimento de não estar de todo
Lembrei um dia desses de um texto

História de Jaguaribara Brilha nas Telas do Festival de Cinema de Gramado



Cleiton Thiele / Agência Pressphoto

As raízes e narrativas históricas do município de Jaguaribara ganham vida nas telonas do prestigioso Festival de Cinema de Gramado. Uma emocionante jornada cinematográfica, intitulada "Memórias da Chuva", leva os espectadores a uma viagem no tempo, explorando as profundezas da rica história da região.

A representação do município nesse evento é um orgulho para a comunidade local, e o reconhecimento alcançado é graças à dedicação de figuras notáveis. A secretária municipal da Cultura, Lívia Barreto, e o dedicado funcionário público Valvenargues, ambos também envolvidos nas gravações do filme, estão agora em Gramado, representando com honra e emoção o legado de Jaguaribara.

A direção habilidosa de Wolney Oliveira e sua equipe de cineastas tornaram possível a concretização desse projeto cinematográfico extraordinário. O filme "Memórias da Chuva" ilumina não apenas a história de Jaguaribara, mas também a dedicação e a paixão daqueles que se empenharam para compartilhar essas memórias com o mundo.

A gratidão é direcionada ao curador do festival, Caio Blat, cuja seleção destes filmes é uma homenagem à riqueza cultural de Jaguaribara. O município orgulhosamente se destaca no Festival de Cinema de Gramado com a participação em duas produções notáveis. Estes filmes não só enaltecem a história da região, mas também competem nas categorias mais prestigiosas do cinema brasileiro.

A história de Jaguaribara está destinada a brilhar sob os holofotes do Festival de Cinema de Gramado. Os filmes "Memórias da Chuva" e "Mais Pesado é o Céu", com a marcante atuação de Matheus Nachtergaele, representam não apenas um triunfo cinematográfico, mas também uma celebração das raízes e da herança cultural desse município cativante.



/panorama



Emerson Maranhão

emerson@ootimista.com.br

Ceará em Gramado

Estas imagens são registros da apresentação da equipe do documentário *Memórias da Chuva* e do elenco da ficção *Mais Pesado é o Céu*, esta semana, no Palácio dos Festivais, antes de suas exibições na competição do 51º Festival de Cinema de Gramado. Ambas capitaneadas pelos diretores dos longas, respectivamente, Wolney Oliveira e Petrus Cariry. Os dois filmes foram muito bem-recebidos pela crítica especializada e são grandes as expectativas para a premiação, que ocorre amanhã, dia 19, a partir das 20h45min. O Canal Brasil transmitirá ao vivo pela TV e também no Globoplay + Canais.



CLETON THIELE/AGÊNCIA PRESSPHOTO/DIVULGAÇÃO



TICIANE DA SILVA/AGÊNCIA PRESSPHOTO/DIVULGAÇÃO

18 de agosto, 2023



Ceará em Gramado



FOTO: CLEITON THIELE/AGÊNCIA PRESSPHOTO/DIVULGAÇÃO



FOTO: TICIANE DA SILVA/AGÊNCIA PRESSPHOTO/DIVULGAÇÃO

Estas imagens acima são registros da apresentação da equipe do documentário *Memórias da Chuva* e do elenco da ficção *Mais Pesado é o Céu*, esta semana, no Palácio dos Festivais, antes de suas exibições na competição do 51º Festival de Cinema de Gramado. Ambas capitaneadas pelos diretores dos longas, respectivamente, Wolney Oliveira e Petrus Cariry. Os dois filmes foram muito bem-recebidos pela crítica especializada e são grandes as expectativas para a premiação, que ocorre amanhã, dia 19, a partir das 20h45min. O Canal Brasil transmitirá ao vivo pela TV e também no Globoplay + Canais.

Lulopetismo teve uma das melhores semanas até aqui - por Erivaldo Carvalho

18 de agosto, 2023

A prisão do devedor de alimentos é ineficaz?

17 de agosto, 2023

Boa refeição estudantil já!

17 de agosto, 2023

Quem vai ganhar (e quem deveria ganhar) os Kikitos no Festival de Gramado

Cerimônia de premiação dos longas será realizada neste sábado (19), a partir das 21h, no Palácio dos Festivais

19/08/2023 - 11h02min
Atualizada em 19/08/2023 - 22h04min

COMPARTILHE



GZH EXCLUSIVO

TICIANO OSÓRIO
Enunciador

Publicidade



Vera Holtz em "Tia Virginia" Andreea Testoni / Divulgação

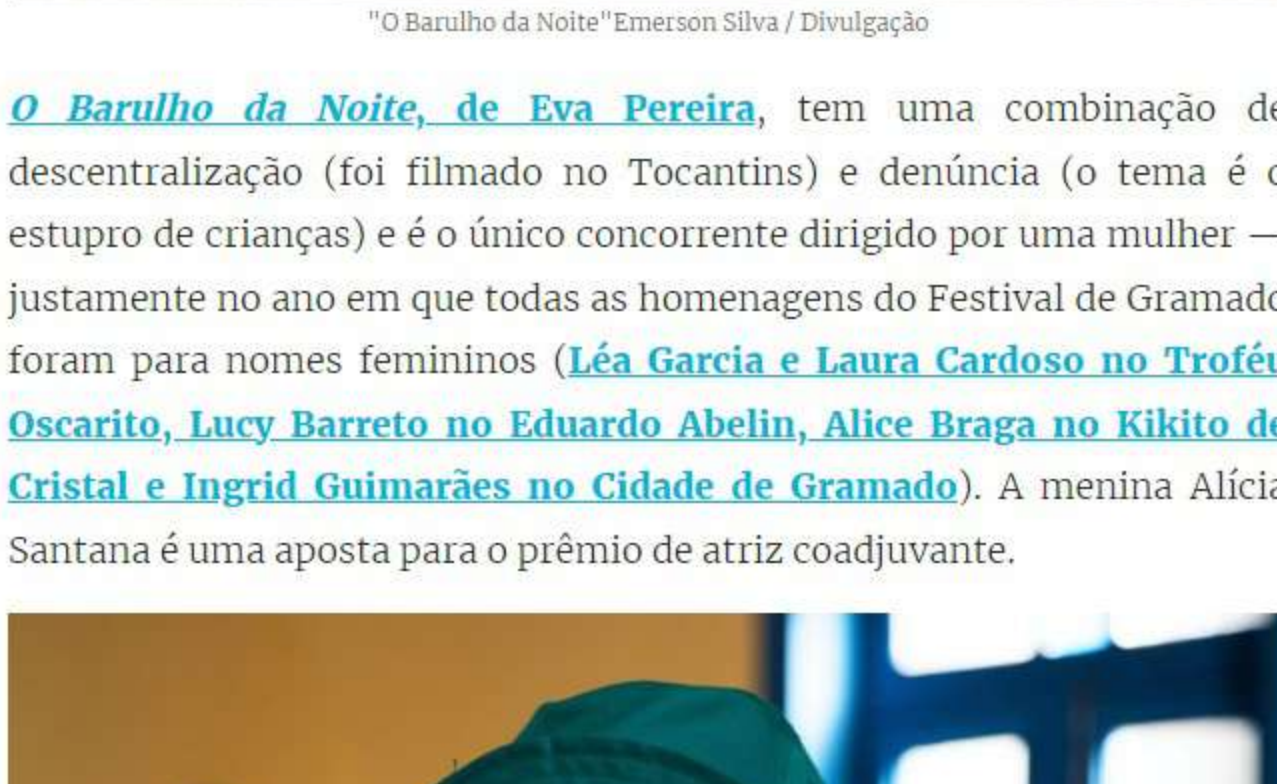
Está chegando a hora de conhecer os vencedores do **51º Festival de Cinema de Gramado**. Nesta sexta-feira (18), haverá a premiação dos curtas-metragens. No sábado (19), a partir das 21h, com transmissão ao vivo pelo Canal Brasil, pela TVE e pelo site do festival ([neste link](#)), serão entregues no Palácio dos Festivais os Kikitos das mostras competitivas de longas — os nacionais de ficção, os documentários e os gaúchos.

Entre as ficções, acho que só o **famigerado suspense *Uma Família Feliz*, dirigido por José Eduardo Belmonte e estrelado por Grazi Massafera e Reynaldo Gianecchini**, deve sair de mãos abanando. Também acho improvável alguma conquista do **bastante problemático *Angela*, assinado por Hugo Prata e protagonizado por Isis Valverde**.

Já ***Mais Pesado É o Céu*, de Petrus Cariry**, é um bom candidato para prêmios técnicos, como direção de fotografia (do próprio cineasta cearense) e trilha musical (de João Victor Barroso).

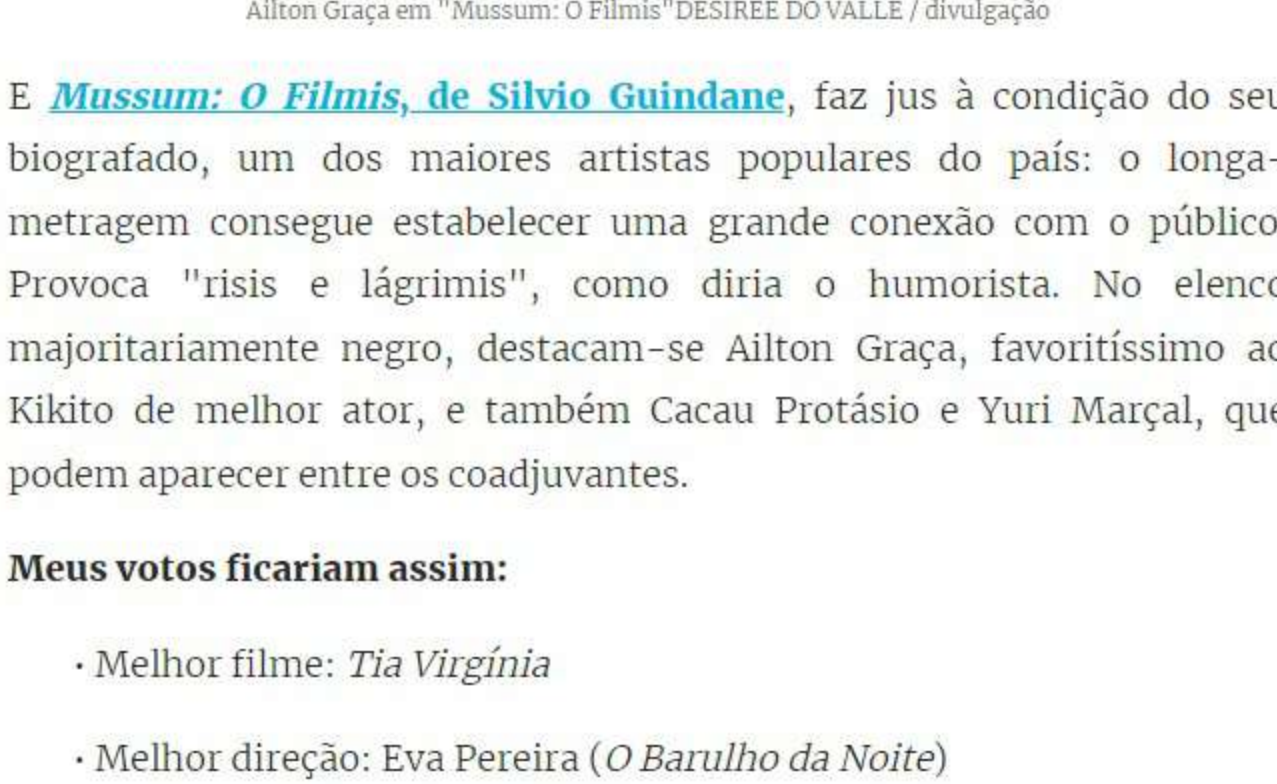
Os outros três títulos têm trunfos para almejar triunfos nas deliberações do júri formado por **Cristiano Burlan (melhor diretor no ano passado por *A Mãe*)**, Elena Soarez (roteirista de *Eu Tu Eles*), Fabrício Boliveira (ator de *Faroeste Caboclo*), **Letícia Colín (atriz de *A Porta ao Lado*)** e Catarina Apolonio (que trabalha com pós-produção de som).

***Tia Virginia*, de Fábio Meira**, é uma ótima comédia dramática que dá raro protagonismo a idosos (os atores têm entre 68 e 87 anos) e que retrata uma situação comum a muitos lares brasileiros: a da irmã que não se casou, nunca teve filhos e agora se vê na condição de mãe da própria mãe. No papel da protagonista, Vera Holtz mais do que merece ganhar o Kikito de melhor atriz.



"O Barulho da Noite" Emerson Silva / Divulgação

O Barulho da Noite*, de Eva Pereira**, tem uma combinação de descentralização (foi filmado no Tocantins) e denúncia (o tema é o estupro de crianças) e é o único concorrente dirigido por uma mulher — justamente no ano em que todas as homenagens do Festival de Gramado foram para nomes femininos (Léa Garcia e Laura Cardoso no Troféu Oscarito*, *Lucy Barreto no Eduardo Abelin*, *Alice Braga no Kikito de Cristal* e *Ingrid Guimarães no Cidade de Gramado***). A menina Alicia Santana é uma aposta para o prêmio de atriz coadjuvante.



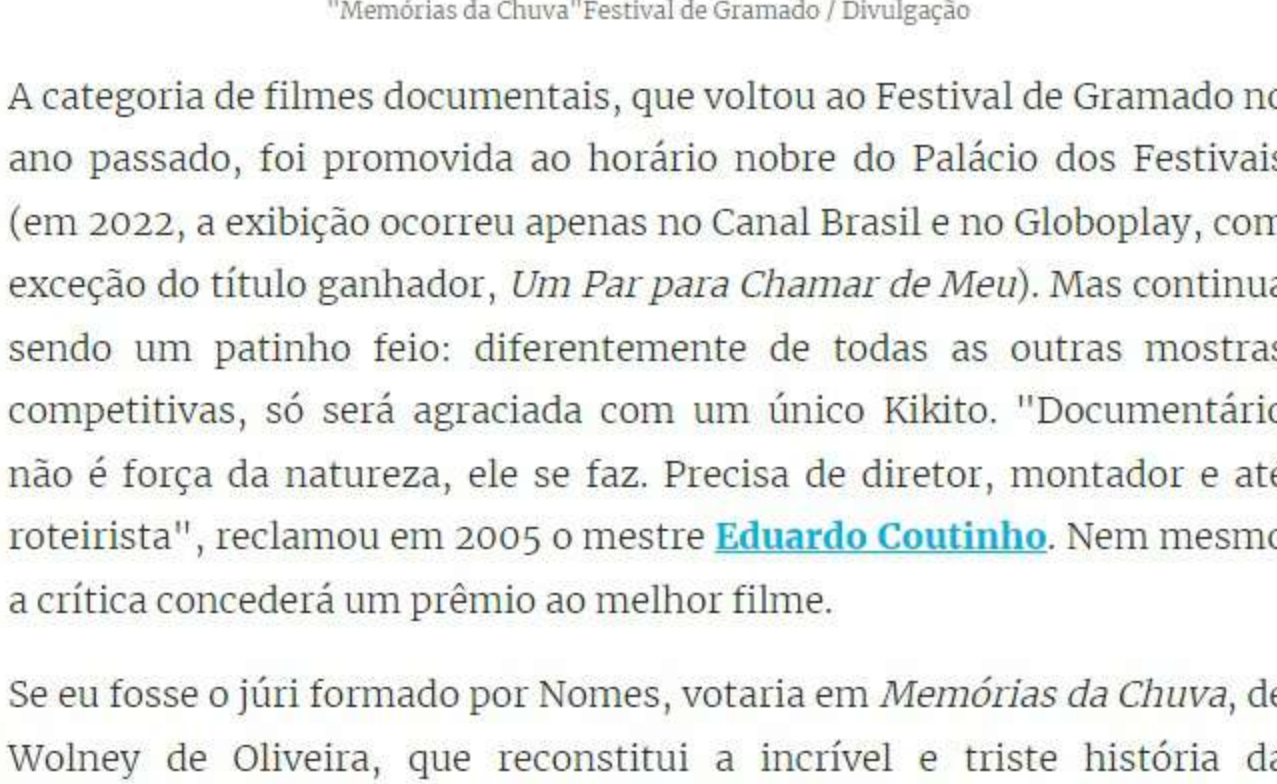
Ailton Graça em "Mussum: O Filmi" DESIRÉE DO VALLE / divulgação

E ***Mussum: O Filmi*, de Silvio Guindane**, faz jus à condição de seu biografado, um dos maiores artistas populares do país: o longa-metragem consegue estabelecer uma grande conexão com o público. Provoca "risis e lágrimas", como diria o humorista. No elenco majoritariamente negro, destacam-se Ailton Graça, favoritíssimo ao Kikito de melhor ator, e também Cacau Protásio e Yuri Marçal, que podem aparecer entre os coadjuvantes.

Meus votos ficariam assim:

- Melhor filme: *Tia Virginia*
- Melhor direção: Eva Pereira (*O Barulho da Noite*)
- Melhor ator: Ailton Graça (*Mussum: O Filmi*)
- Melhor atriz: Vera Holtz (*Tia Virginia*)
- Melhor roteiro: *Tia Virginia*
- Melhor fotografia: *Mais Pesado É o Céu*
- Melhor montagem: *Tia Virginia*
- Melhor trilha musical: *Mais Pesado É o Céu*
- Melhor direção de arte: *Tia Virginia*
- Melhor atriz coadjuvante: Alicia Santana (*O Barulho da Noite*)
- Melhor ator coadjuvante: Yuri Marçal (*Mussum: O Filmi*)
- Melhor desenho de som: *O Barulho da Noite*

Melhor documentário

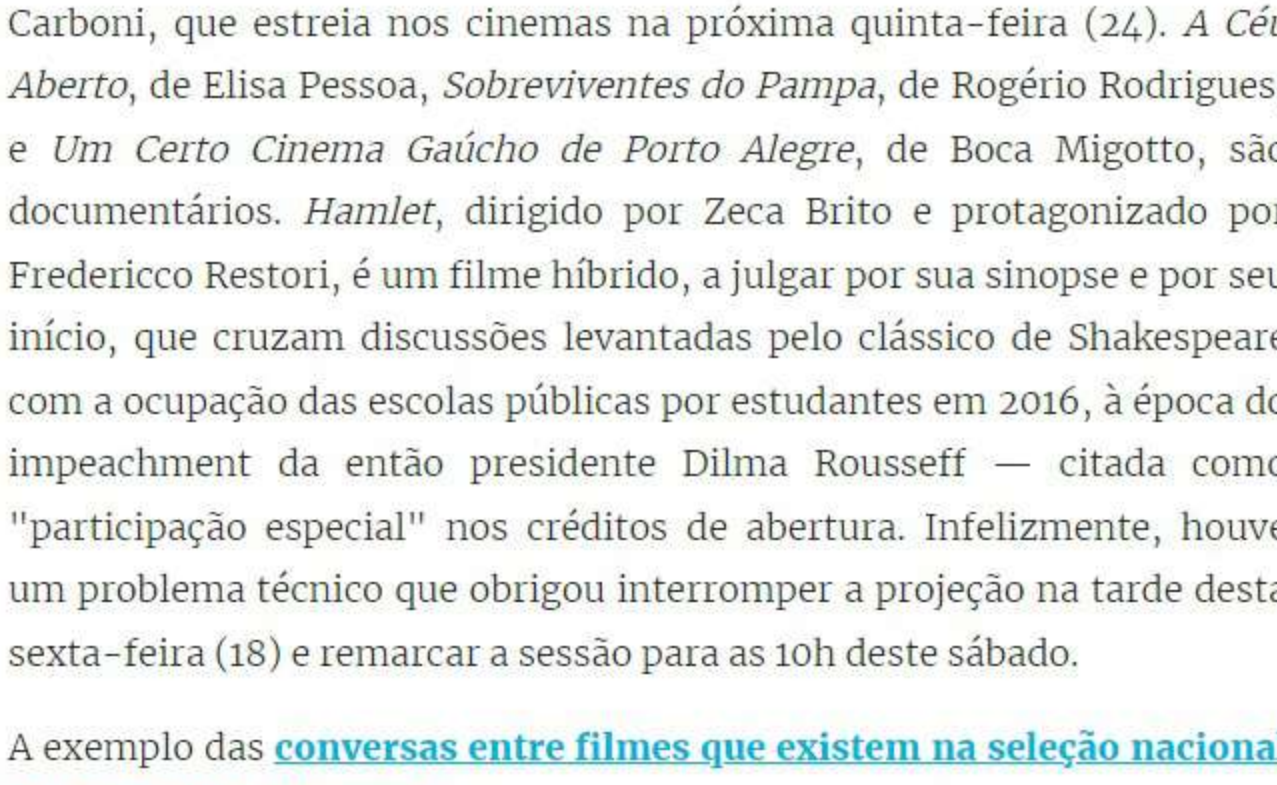


"Memórias da Chuva" Festival de Gramado / Divulgação

A categoria de filmes documentais, que voltou ao Festival de Gramado no ano passado, foi promovida ao horário nobre do Palácio dos Festivais (em 2022, a exibição ocorreu apenas no Canal Brasil e no Globoplay, com exceção do título ganhador, *Um Par para Chamar de Meu*). Mas continua sendo um patinho feio: diferentemente de todas as outras mostras competitivas, só será agraciada com um único Kikito. "Documentário não é força da natureza, ele se faz. Precisa de diretor, montador e até roteirista", reclamou em 2005 o mestre **Eduardo Coutinho**. Nem mesmo a crítica concederá um prêmio ao melhor filme.

Se eu fosse o júri formado por Nomes, votaria em *Memórias da Chuva*, de Wolney de Oliveira, que reconstitui a incrível e triste história da destruição, para a construção de uma represa, do município interiorano de 10 mil habitantes localizado a 226 quilômetros de Fortaleza. Com imagens em vídeo registradas por antigos moradores e cenas de reportagens, conhecemos o cotidiano simples, mas feliz de Jaguaribara, que foi sacudida por uma decisão muito mais política do que científica, conforme os depoimentos colhidos pelo filme. Os outros quatro concorrentes são ***Luis Fernando Veríssimo: O Filme***, de Luzimar Stricher, ***Da Porta pra Fora***, de Thiago Foresti, ***Roberto Farias: Memórias de um Cineasta***, de ..Farias, e ***Anhangabá***, do gaúcho radicado em São Paulo Lufe Bollini..

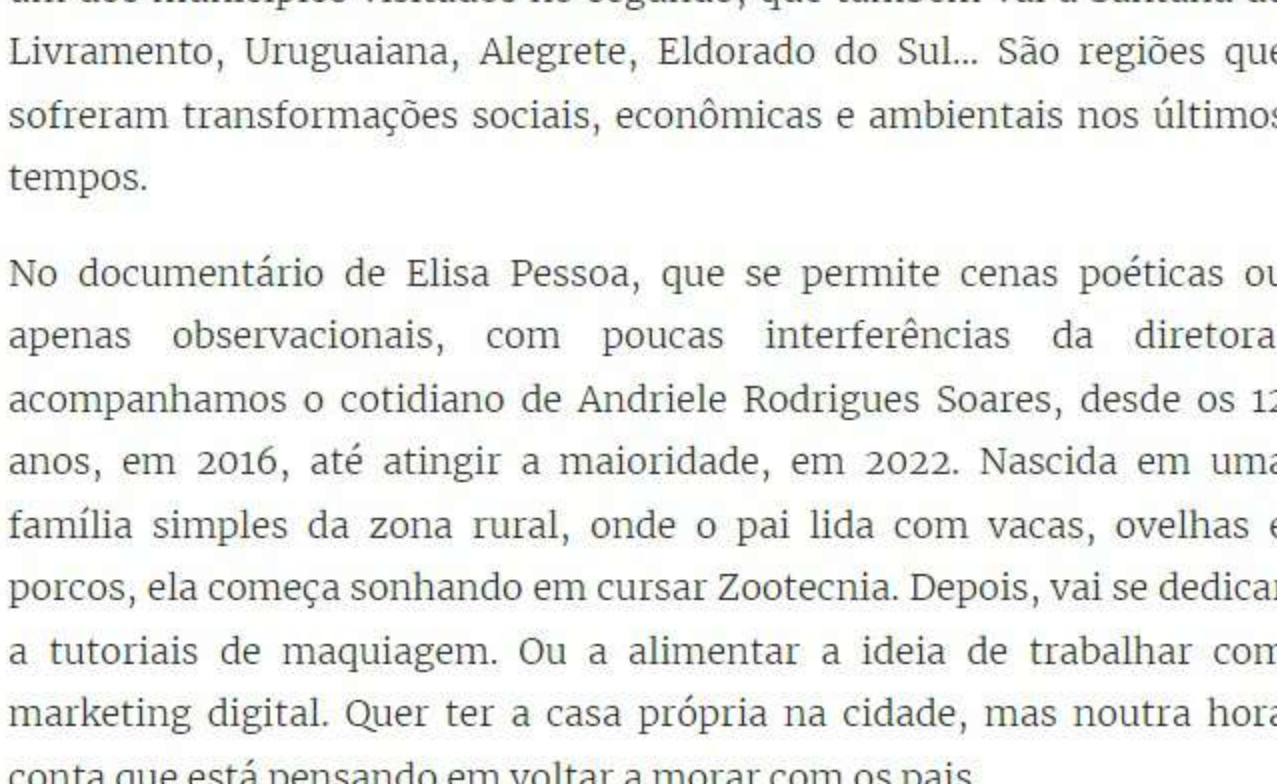
Longas gaúchos



"Hamlet" Festival de Gramado / Divulgação

Dos cinco concorrentes, há apenas uma ficção, *O Acidente*, de Bruno Carboni, que estreia nos cinemas na próxima quinta-feira (24). *A Céu Aberto*, de Elisa Pessoa, *Sobreviventes do Pampa*, de Rogério Rodrigues, e *Um Certo Cinema Gaúcho de Porto Alegre*, de Boca Migotto, são documentários. *Hamlet*, dirigido por Zeca Brito e protagonizado por Frederico Restori, é um filme híbrido, a julgar por sua sinopse e por seu início, que cruzam discussões levantadas pelo clássico de Shakespeare com a ocupação das escolas públicas por estudantes em 2016, à época do impeachment da então presidente Dilma Rousseff — citada como "participação especial" nos créditos de abertura. Infelizmente, houve um problema técnico que obrigou interromper a projeção na tarde desta sexta-feira (18) e remarcar a sessão para as 10h deste sábado.

A exemplo das **conversas entre filmes que existem na seleção nacional do Festival de Gramado**, dá para estabelecer relações entre os quatro longas gaúchos vistos.



"A Céu Aberto" Festival de Gramado / Divulgação

A Céu Aberto e *Sobreviventes do Pampa* são o cenário principal para o primeiro título e um dos municípios visitados no segundo, que também vai a Santana do Livramento, Uruguaiana, Alegrete, Eldorado do Sul... São regiões que sofreram transformações sociais, econômicas e ambientais nos últimos tempos.

No documentário de Elisa Pessoa, que interfere nas direções ou apenas observacionais, poucos personagens de a autora, acompanhamos o cotidiano de Andriele Rodrigues Soares, desde os 12 anos, em 2016, até atingir a maioridade, em 2022. Nascida em uma família simples da zona rural, onde o pai lida com vacas, ovelhas e porcos, ela começa sonhando em cursar Zootecnia. Depois, vai se dedicar a tutoriais de maquiagem. Ou a alimentar a ideia de trabalhar com marketing digital. Quer ter a casa própria na cidade, mas noutra hora conta que está pensando em voltar a morar com os pais.

Andriele é um símbolo da inconsciência da adolescência e da juventude, mas também tem lições a dar sobre como "tudo na vida muda muito rápido". E que às vezes os desejos se realizam, mas nem tudo sai como a gente quer.



"Sobreviventes do Pampa" Festival de Gramado / Divulgação

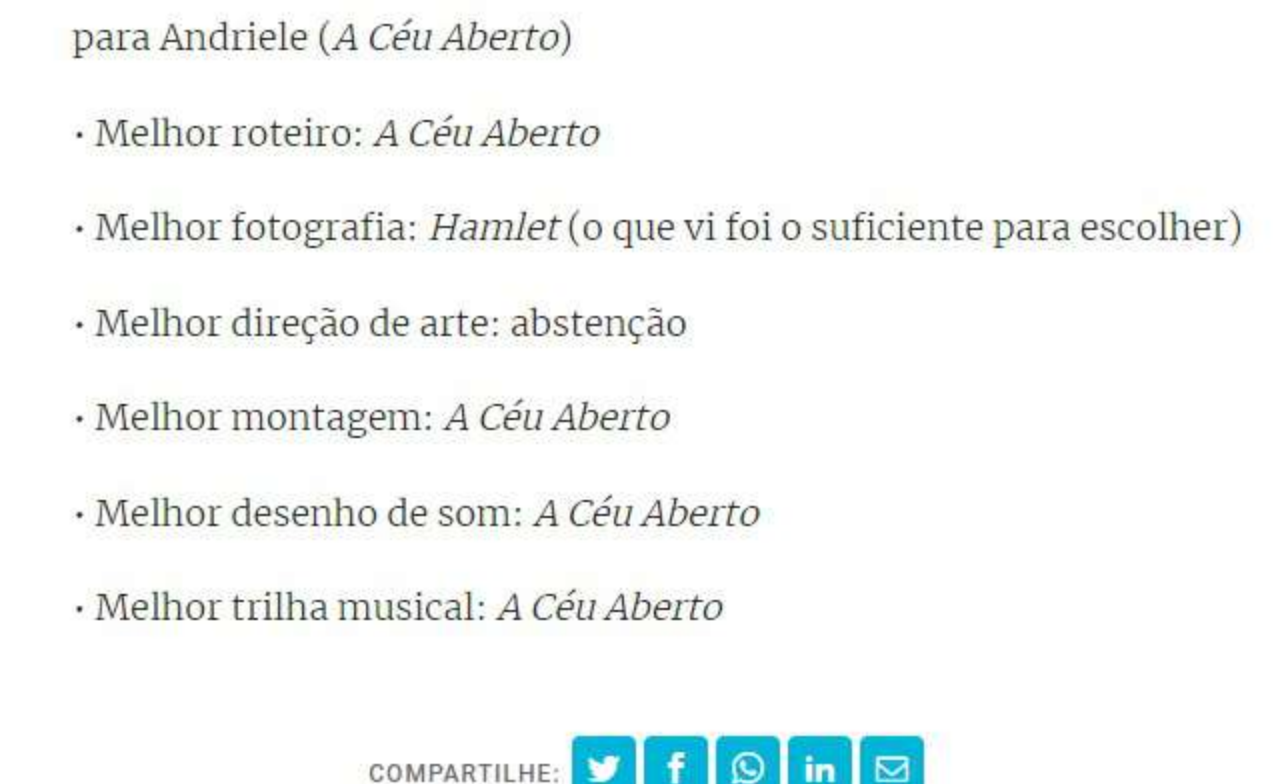
O filme de Rogério Rodrigues, que é formalmente bem convencional, agru fazendeiros, pequenos agricultores, fabricantes de azeite, apicultores, especialistas, indígenas e quilombolas. Esses personagens falam do afeto pelo lugar onde vivem, de agronegócio, de subsistência das famílias, da biodiversidade campestre, dos riscos atrelados à "visão da natureza como um objeto".



"Um Certo Cinema Gaúcho de Porto Alegre" Festival de Gramado / Divulgação

Um Certo Cinema Gaúcho de Porto Alegre faz parte do projeto de Dourados de Boca Migotto. Ele entrevistou nomes essenciais de três gerações — como **Carlos Gerbase**, **Jorge Furtado**, **Gustavo Spolidoro**, **Fabiano de Souza**, **Cristiane Oliveira** e **Davi Pretto** —, além de críticos e pesquisadores. Esses personagens ajudam a traçar a evolução, os conflitos e as marcas da produção desde *Deu pra Ti*, *Anos 70* (1981), gênese do cinema urbano no RS.

O documentário poderia ser mais acessível a quem não é da aldeia — os entrevistados são identificados apenas pelo nome (o público desavisado não saberá distinguir um ator de um jornalista). Os trechos de filmes nem isso —, e a passagem sobre Glauber Rocha ficou deslocada na narrativa (o cineasta baiano não se encaixa na linha cronológica e só é referenciado em um único depoimento). Mas, além do seu inestimável valor como documento histórico, *Um Certo Cinema Gaúcho de Porto Alegre* é feliz em apontar virtudes locais — como a coletividade e a autoridade — e também alguns cacetes. O diretor de fotografia Bruno Polidoro cita, por exemplo, o repúdio à luz característica do Estado, com uma lateralidade, que é buscada por cineastas de fora, enquanto os daqui recorrem ao céu nublado. Por que não é por acaso, já que muitas das histórias giram em torno de personagens fechados, calados, ensimesmados.



"O Acidente" Festival de Gramado / Divulgação

O Acidente repete alguns desses pontos. O sol quase não dá as caras na trama sobre uma tradutora e ciclista, a introspectiva Joana (Gabriela Martins), que, após um estranho acidente de trânsito, acaba se envolvendo com a família que a atropelou. O filme adota um tom tão melancólico (realçado pelo oboé da trilha sonora) e tão anestesiado (ou tão monótono, ou tão entediante) que, quando ocorre algo realmente triste, não muda nada, o ritmo segue o mesmo, nem os personagens nem os espectadores parecem sentir.

Meus votos ficariam assim (mas sem ver Hamlet):

- Melhor filme: *A Céu Aberto*
- Melhor direção: Elisa Pessoa (*A Céu Aberto*)
- Melhor ator: abstenção
- Melhor atriz: trocaria para melhor personagem feminina e daria para Andriele (*A Céu Aberto*)
- Melhor roteiro: *A Céu Aberto*
- Melhor fotografia: *Hamlet* (o que vi foi o suficiente para escolher)
- Melhor direção de arte: abstenção
- Melhor montagem: *A Céu Aberto*
- Melhor desenho de som: *A Céu Aberto*
- Melhor trilha musical: *A Céu Aberto*

COMPARTILHE

<https://leilisso.net/1hwyl/>

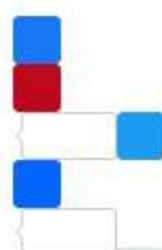
COPIAR

Leilisso.net

CRÍTICA | MEMÓRIAS DA CHUVA

Recortes imagéticos de uma antiga cidade.

por **FREDERICO FRANCO** | 21 de agosto de 2023 | 77 views



FLUIM

Por uma estranha consequência do destino, Jaguaribara foi citada por dois filmes exibidos no mesmo dia: *Mais Pesado é o Céu* e *Memórias da Chuva*. No segundo, o município é o principal tema do filme, terra do diretor Wolney Oliveira. No documentário *Memórias da Chuva* conhecemos um pouco mais da história da cidade, que foi basicamente destruída e remontada em outro lugar devido a construção de uma barragem que iria interromper o abastecimento de Jaguaribara. Logo no princípio, somos introduzidos a recortes imagéticos da antiga cidade; um personagem nos conduz por aquilo que ele afirma ter sido um cemitério. Passeando pela cidade destruída, em meio a ruínas, acreditei que iniciaria um conto similar ao filme *Cidades Fantasma*, documentário realizado sobre cidades abandonadas ao redor do Brasil. Mas, estava enganado: as semelhanças dos filmes param por aí, apenas nessa primeira apresentação. As abordagens são diametralmente opostas e o resultado final também é distante.

Memórias da Chuva desenvolve sua narrativa a partir de imagens de arquivo gravadas em meio ao processo de destruição da cidade e de depoimentos atuais de ex-moradores da antiga Jaguaribara. O uso das antigas é um bom subterfúgio narrativo para criarmos identificação e estabelecermos uma relação emocional com a cidade. Surge uma espécie de construção de memória visual por parte do espectador. Existem, no entanto, poucos momentos que vão desenvolver gatilhos emocionais no espectador ao comparar a antiga cidade destruída e seu passado glorioso. O que se percebe é que Wolney Oliveira aparenta querer desenvolver a narrativa toda a partir do relato oral – uma abordagem justa. O grande porém é que o filme peca pelo excesso: são incontáveis os personagens selecionados para depoimentos, passando facilmente de vinte pessoas.

Essa fragmentação do discurso, que vai de políticos a pescadores, impede o espectador de estabelecer qualquer tipo de identificação com os entrevistados. Por mais que soe estranho, documentário também é saber construir e selecionar personagens. Nem todas as pessoas, por mais carismáticas e por maior relevância que tenham, funcionam enquanto protagonistas de filmes documentais. E a “culpa” não é dos entrevistados. Cabe ao diretor construir e selecionar aqueles personagens que melhor podem auxiliar em suas narrativas. Aqui, a maioria dos entrevistados ou são redundantes ou não conseguem se posicionar enquanto protagonistas – há uma personagem que chega a ler parte de seu depoimento.

Menos é mais. Cito aqui, inclusive, um filme que divide similaridades com a obra de Wolney Oliveira: *A cidade é uma só*, do diretor Adirley Queirós de Ceilândia. Aqui, o realizador conta a história de sua cidade e do despejo de Brasília através da vida pessoal de um único personagem. Sua história de vida se mistura com a história da construção da cidade. Tal abordagem, além de aproximar mais o espectador, também proporciona uma narrativa que transita entre o *geral* e o *específico*, algo que Queirós realiza com maestria.

Por mais que possua alguns problemas de construção de personagens, *Memórias da Chuva* possui méritos evidentes. Com certa ironia e acidez, a montagem do filme sabe modular a articulação entre promessas do passado que não foram concluídas. Falas de políticos prometendo algo que não foi cumprido, é logo justaposto pela realidade completamente oposta. Esse tipo de invenção aparenta colocar mais o diretor dentro do filme. Se em dado momento parece que o diretor apenas ligou o *rec* da câmera, aqui vemos sua capacidade criativa através do direcionamento da montagem. Quando, por exemplo, personagens do passado são trazidos para o presente, o filme consegue extrair alguma ou outra declaração interessante que ajude a compreender como todo esse trâmite político afetou as vidas dos ex-moradores de Jaguaribara.

A seleção das imagens de arquivo, em geral, é eficiente, principalmente quando nos é mostrada a cidade como um todo, os personagens discutindo e tentando compreender os planos que políticos reservam para a cidade. As cenas de debates políticos, todas gravadas em película, representam bem o caos e o amorismo dessa captura. Há ali, sobretudo, a captura do espírito da cidade naquele momento. Debates, arguições, dúvidas: a cidade aparenta estar dividida. Alguns acreditam nas promessas, outros nem tanto. Existe, ainda, uma potência resguardada para o final do filme. As imagens de destruição da cidade são perfeitamente posicionadas na estrutura narrativa de *Memórias da Chuva*. No final, depois de incansáveis depoimentos, surgem as imagens de retroscavadeiras destruindo tudo que vem pela sua frente: escolas, igrejas, casas. A crueza com a qual vemos esses trechos é emocionante. Some a trilha musical, somem os *talking heads*, sobra apenas o som da destruição. É aqui, também, que os personagens conseguem tocar o espectador. Falas surgem com mais carga dramática.

Assim como a cidade, as memórias parecem cada vez mais distantes, próximas de cair no esquecimento da população. Cabe, então, às imagens manterem vivas tanto a memória da cidade quanto a brutalidade de sua destruição. Não existe apenas a lembrança boa: com ela vem, inevitavelmente, a recordação do fim, daquela imponente retroscavadeira destruindo tudo em sua volta.

Memórias da Chuva – Brasil, 2023

Direção: Wolney Oliveira

Roteiro: Wolney Oliveira, Margarita Hernández

Duração: 77 min.

CINEMA BRASILEIRO DOCUMENTÁRIO FESTIVAL DE CINEMA DE GRAMADO FESTIVAL DE CINEMA DE GRAMADO - 2023

MARGARITA HERNÁNDEZ WOLNEY OLIVEIRA

FREDERICO FRANCO

Estudante de cinema de Porto Alegre, RS, que pretende ser professor de cinema. Ocupo meu tempo com literatura, música e cinema. No mundo da literatura, Borges é meu padrinho; na música, sou regido pelo sintetizador de Charly García; e, junto de Michael Snow e Michelangelo Antonioni, caminho pelo mundo do cinema.

Pesquisar...

FACEBOOK

LEIA TAMBÉM



Crítica | Star Wars: O Último Comando (Trilogia Thrawn #3), de Timothy Zahn
21 de agosto de 2023



Entenda Melhor | Moby Dick em Cápsulas Intertextuais
20 de agosto de 2023



Crítica | As Tartugas Mutantes Ninja – 1X01: Things Change
19 de agosto de 2023

Fora de Plano #97 | Festival de Gramado, interlúdio: rotina, encontros e histórias
19 de agosto de 2023



Crítica | História dos Vampiros: Autópsia de Um Mito, de Claude Lecouteux
18 de agosto de 2023



Crítica | Carmilla: A Vampira de Karnstein, de Sheridan Le Fanu
16 de agosto de 2023



Fora de Plano #96 | Mostra de Curtas Gaúchos II (Festival de Gramado 2023)
15 de agosto de 2023



BREAKING NEWS MAR ABERTO | História que tu faz História



Home / PORTAL / FESTIVAL DE GRAMADO 2023 ROMPENDO FRONTEIRAS POR BETO RODRIGUES

FESTIVAL DE GRAMADO 2023 ROMPENDO FRONTEIRAS POR BETO RODRIGUES

SINA 27 de agosto de 2023 PORTAL SINA AUTORAL BETO RODRIGUES Leave a comment 182 Views



Algo curioso e instigante é que já estive em 31 edições neste festival, entre as 51 já realizadas, evento que se tornou a principal referência para o cinema brasileiro. Algumas vezes ficando ali em Gramado uns poucos dias, assistindo parte da programação ou indo a algum encontro de cinema e, porque não, às festas. Mas na maior parte das vezes ficando a semana inteira ou mais dias, dependendo de sua duração.

A primeira delas foi em 1989, ano marcado pelo emblemático e impactante curta-metragem “Ilha das Flores”, de Jorge Furtado. Agora, 34 anos depois, Jorge, um dos nomes mais relevantes do RS por detrás das câmeras, aparece na tela do festival como personagem em um longa documental sobre Luis Fernando Veríssimo. Ou melhor, buscando o rigor do vocábulo, como participante depoente. Mas isso é só um gancho para começar esse artigo, meu primeiro, aliás, sobre o Festival de Gramado.

Entretanto, não se trata de minha primeira elaboração sobre o festival, considerando que em 1995 realizei um programa especial de TV inteiro sobre sua 23ª edição. Fazia minha pós-graduação em *Producción Audiovisual* na tradicional *Universidad Complutense de Madrid* e, ao mesmo tempo, em julho daquele ano, estagiava no Departamento de Televisão da Agência EFE, em Madri. Ali, pude fazer contato com uma das emissoras públicas transcontinentais que operava em colaboração com a agência, a *TEI – Televisión Educativa Iberoamericana*. Consegui convencer a direção da emissora, sediada em Madri e viajando por meus próprios meios, a vir como representante de imprensa credenciado para cobrir o festival e, a partir do evento, produzir um programa de 45 minutos, que se intitulou “Iberoamérica a 24 Fotogramas”.

O festival, após a profunda crise do cinema brasileiro, iniciada com a extinção da Embrafilme em março de 1990, e da quase absoluta ausência de fomento público, estava em sua 4ª edição depois de se converter, no ano de 1992, em Festival de Cinema Ibero-americano de Gramado. Naquela edição, 19 anos depois de sua fundação como “Festival do Cinema Brasileiro”, pela primeira vez premiava filmes, profissionais e elencos estrangeiros, marcada pela forte presença mexicana como o filme de Jorge Fons, “Callejon de los Milagros”, obra que praticamente lançou Salma Hayek, cuja carreira decolou após este filme, indo rapidamente parar em Hollywood, começando pelo filme de Robert Rodriguez, *A Balada do Pistoleiro*. Pois bem, meu programa especial para a TEL, contou com entrevistas, trechos de trailers dos filmes concorrentes e com a apresentação de Carolina Calderón, minha colega colombiana na pós-graduação da Complutense, ela que tinha o tipo e o pendora para ser apresentadora de TV, tudo gravado em *Betacam* no estúdio de TV da Agência EFE.

Junto estes dois fragmentos do tempo porque de alguma maneira, em minha disposição de fazer livres analogias, esses momentos se encontraram em meu universo subjetivo nesta 51ª edição do Festival. Primeiro porque me faz recordar nitidamente o cenário onde pisei pela primeira vez o espaço festivalero, em agosto de 1989, vindo como credenciado pela Prefeitura de Porto Alegre, onde havia começado a trabalhar, 7 meses antes, como Coordenador de Cinema, Vídeo e Fotografia na gestão do saudoso Luis Pilla Vares, à frente da Secretaria Municipal de Cultura da capital gaúcha. O cenário era de um cinema brasileiro em ladeira descendente no mercado, com o modelo de produção da Embrafilme dando sinais de esgotamento e, naquele momento, com a maior parte dos grupos exibidores de cinema no Brasil, havendo ganho na justiça o direito de não atender à obrigação de cumprimento da cota de tela para o cinema brasileiro. Em suma, conseguir espaços de exibição em salas era difícil ou quase impossível, muito semelhante, por outra razão, mas que não deixa de ser similar aos dias de hoje. Neste momento, não se trata de ações na justiça pelos exibidores reivindicando o direito de não se obrigarem a ocupar suas telas em um percentual de dias do ano com obras brasileiras, como estava estabelecido legalmente naquela época, cujo cumprimento era fiscalizado pela Embrafilme. No corrente ano de 2023, se trata, isto sim, da ausência de cota de tela, após 4 anos de um governo federal que quase asfixiou o cinema e audiovisual brasileiros, tendo como uma de suas anti-metas não dar continuidade às ações políticas vitais existentes até o começo do desgoverno, a exemplo do cumprimento de cota de tela para o cinema brasileiro.

Entramos na edição do festival deste ano, com uma participação de nosso cinema no mercado – conhecida como *market share* – de menos de 1% das bilheteria no todo do primeiro semestre. Podendo chegar, quem sabe, com uma boa dose de otimismo e confiando nas produções a serem lançadas no segundo semestre, a cerca de 4% do mercado. Número que seria levemente superior ao que alcançamos entre 1992 e 1995, época que podemos chamar de o fundo do poço.

Nesse sentido, o que trouxe de novo o festival e que possa nos dar algum respiro? Talvez a principal novidade seja a (quase) quebra de paradigma, tendo uma comédia, aliás potente, como grande vencedora: Mussum, o Filmis, dirigido pelo ator, produtor, diretor e dramaturgo Silvio Guindane.

Não que seja a primeira vez que uma comédia é premiada, cabendo aqui lembrar o filme de Mauro Farias que, seguindo os passos de seu pai, Roberto Farias, também ganhou o prêmio de melhor filme em Gramado, justamente em 1991, último ano como Festival do Cinema Brasileiro. Uma comédia suburbana estrelada por Evandro Mesquita, *Não Quero Falar Sobre Isso Agora*. Evandro que depois irá nos brindar com sua veia cômica – que já aparecia nas performances da Banda Blitz – com o incorrigível e hilariante personagem do mecânico Paulão, em *A Grande Família*.

Ganhar a estatuetta de melhor filme, desconstruindo preconceitos, estereótipos e resgatando a riqueza do personagem de Mussum, através de um *dramédia* afiado, não só nos permite sair do lugar-comum de que comédia não dialoga com o cinema de autor ou “de arte”, conforme reza o jargão, como lança esperanças de que possamos ganhar novamente o coração das plateias de preferência que seja em breve. Segundo dados do OCA – Observatório do Cinema e Audiovisual, ligado a ANCINE, a comédia é o gênero mais popular no cinema brasileiro, havendo conquistado 12 entre as 20 maiores bilheteria na história do cinema brasileiro. *Mussum o Filmis*, é uma obra que transita com leveza e a densidade necessária nos momentos dramáticos, sendo capaz de contentar até críticos empedernidos e que rejeitam o valor artístico do gênero. Mesmo estudiosos acadêmicos que se debruçaram sobre *A Poética*, de Aristóteles, consideram que suas citações à comédia em nada a diminuem em relação à tragédia, antes o contrário, tendo em vista a capacidade da comédia em universalizar dramas humanos. Segundo Pierre Destrée, por exemplo, em seu ensaio *A Comédia na Poética de Aristóteles, “duas passagens importantes mostram muito claramente que Aristóteles considerava que a comédia tem tanto valor quanto a tragédia”* (Organon, Porto Alegre, nº 49, julho-dezembro, 2010, p.69 – 94).

É o que vemos com maestria no filme sobre *Mussum*, capaz de provocar nosso riso espontaneamente, sem deixar de levar-nos à reflexão sobre as ambivalências da fama e do êxito na TV, com o êxtase e a dor que carrega. Também pincela brevemente, em seu recorte histórico, sobre como esse meio foi capaz de absorver e manejar as mazelas da sociedade brasileira, sendo o humor uma de suas principais ferramentas na aderência do público espectador.

Considero um resultado muito feliz o júri ter se despedido de eventuais preconceitos e superado alguns narizes torcidos pelo filme ter estado no seleto grupo de apenas 6 filmes em competição, dentre as centenas de longas-metragens que se inscreveram. Agora é esperar para ver, mas, nesse meio tempo, é claro, teremos que lidar com a luta pela aprovação da volta da cota tela ao cinema nacional. Pois assim como outras obras neste segundo semestre, que podem contribuir para reconquistar o público para nossa cinematografia, Mussum também precisará ter um tempo em cartaz, para que o boca à boca possa criar um caudal longo de espectadores.

Por fim, a outra grande novidade do Festival de Gramado deste ano, além do já mencionado acima, que foi o fim, depois de 30 anos, da mostra competitiva estrangeira, ou melhor, ibero-latino-americana, é o fato desta ter sido substituída por uma mostra competitiva de documentários, ficando esta inclusive com o horário nobre de exibição, depois da 9 da noite. A mostra já havia acontecido no ano passado pela primeira vez, mas ainda como uma espécie de “patinho feio” do evento e apenas transmitida pelo Canal Brasil, sem direito a plateia presencial.

Neste ano não só ganhou grande relevância, como trouxe à tela do Palácio dos Festivais, 5 longas-metragens com grande diversidade de temáticas, abordagens e linguagens, todos com significativo valor artístico e criativo. Destes, dois filmes são notáveis cinebiografias, um deles, *Luis Fernando Veríssimo, o Filme*, dirigido pela gaúcha Luzimar Stricher, consegue a proeza de revelar não só a admirável e singular trajetória do escritor, como, de maneira sensível, sua recatada vida pessoal, marcada pela timidez e pelo mais refinado senso de espírito, que o posicionou, durante anos, como um dos escritores mais lidos no Brasil. Além de sua significativa trajetória como criativo e roteirista na TV Globo. Também o filme *Roberto Farias – Memórias de um cineasta*, dirigido por sua filha, Marise Farias, não só traz à luz a imensamente relevante trajetória deste cineasta, um dos primeiros brasileiros a competir em Cannes, como desvela o turbulento período em que esteve à frente da Embrafilme, deixando momentaneamente de lado sua carreira, em plena ditadura. Filme imperdível para quem deseja conhecer melhor a atmosfera que permitiu que o cinema nacional mobilizasse grandes plateias no que já se convencionou chamar de “Era Embrafilme”, que durou 21 anos.

Mas além desses dois filmes, de narrativa clássica e linear, outros 3 filmes retratam um país em eterno conflito consigo mesmo. País cheio de aforismos que tentam nos ditar condutas e traçar linhas entre certo e errado, em geral apoiados em uma moralidade conveniente de ocasião, sem uma alteridade e substância. Temos aqui o drama e a resiliência dos motoboys de Brasília durante a pandemia, no filme *Da Porta Pra Fora*, que além de retratar o universo e dilemas pessoais de 3 motoboys e uma motogirl, desmascara a hiper exploração e a escandalosa falta de legislação protetiva a essa profissão, que foi vital durante a pandemia. Na outra ponta do hemisfério social, foi possível apreciar o contundente documentário do cearense Wolney Machado, *Memórias da Chuva*, relato pungente que acompanha durante anos o doloroso drama da população do pequeno município de Jaguaribara, no Ceará profundo, que se vê obrigada a aceitar a inundação de sua cidade para a construção da polêmica, desnecessária e ineficiente Barragem do Castanhão. O filme consegue, sem ceder à tentação do viés panfletário, desvelar a matriz da tradicional política daquele estado, onde desfilam “coronéis” como Paulo de Andrade Matarzo Jereissati, que não pouparam esforços e manipulações, na mídia e no universo da política local, para literalmente afundarem esse pequeno município, onde para quase todos significava destruir os laços de várias gerações. É um filme com legado de memória precioso e exemplar sobre a capacidade de abandono do Estado brasileiro quando lhe caberia considerar populações em estado de vulnerabilidade.

Por fim, o quinto documentário e grande vencedor como melhor filme documentário, *Anhagabaú*, produção paulista bastante outsider e dirigida por um gaúcho, Lufe Bollini, traça um inusitado paralelo entre a comunidade Guarani Mbya, do Jaraguá, distante bairro de São Paulo e população nômade do centro da Paulicéia. Aqui em ação os “ocupas” de um tradicional edifício na Rua do Ouvidor e o exercício artístico de seus moradores, assim como sua relação próxima com o Teatro Oficina Uzyna Uzona e Zé Celso Martinez, que tem breves aparições registradas. Enquanto os Guarani resistem e lutam, tentando garantir seu direito ancestral, por quinhão daquelas terras, na borda dos resquícios de Mata Atlântica no Parque Estadual do Jaraguá, os ocupas do Ouvidor buscam retomar um espaço urbano abandonado e sem função social. É do cruzamento dessas duas lutas que o filme, um pouco desordenado e anárquico em seu começo, cresce e termina de maneira potente, como um retrato e reflexão indispensáveis na contemporaneidade brasileira.

A Maratona cinematográfica valeu cada minuto dentro da sala escura do tradicional Palácio dos Festivais, que nasceu como Cine Embaixador em 1967. Ofereceu aos participantes credenciados e convidados e ao público transitório, uma ampla mostra da riqueza criativa do cinema brasileiro, que ainda incluiu, além da cinebiografia de Mussum, mais 5 longas-metragens de ficção na competição nacional, os quais não abordei, pelo propósito desse artigo, assim como 5 longas-metragens e 18 curtas, com a vitória de *Hamlet*, do cineasta Zeca Brito; 12 curtas-metragens nacionais e 18 curtas-metragens gaúchos, desta vez esparramada a seleção para 8 municípios. E assim o festival, que contrasta a opulência do turismo e da atmosfera gramadense com o ambiente de diversidade, genuinamente cinematográfico do evento, segue sua jornada, se reafirmando de cada ano que passa, como uma das mais importantes referências e vitrine indispensável para o cinema brasileiro.



Beto Rodrigues é graduado em História pela UFRGS e pós-graduado em *Producción Audiovisual*, pela *Universidad Complutense de Madrid*. É produtor, diretor e colaborador de roteiros, já com 26 longas-metragens em sua carreira e 8 séries de TV.